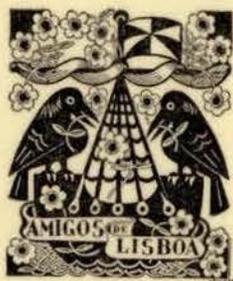


# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO II

N.º 5

JANEIRO - 1939



Oferio  
27. JUL. 1988

M.

JANEIRO DE 1939

N.º 5

# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES, DIRECTOR-TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE PROVISÓRIA: LARGO DO CHIADO, 12, 2.º

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

## SUMÁRIO

■ LISBOA NO FOLCLORE

POR *Luíz Chaves*

■ A IGREJA E O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

POR *Mário de Sampaio Ribeiro*

■ CRÓNICA

POR *Luíz Moita*

■ ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO

■ LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DURANTE O SEGUNDO

SEMESTRE DE 1938

*Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores*

ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS





**Q**UANDO saiu, há um ano, o primeiro número de OLISIPO, dissemos que o nosso boletim se apresentava não como desejávamos apresentá-lo, mas conforme as circunstâncias o permitiam. Hoje, essas circunstâncias já nos permitem a renovação do aspecto gráfico e melhoria do papel empregado, aumentando o número de páginas que passará a ser de 48 a 64. Não é ainda o que OLISIPO devia ser, mas não há dúvida que o primeiro passo já está dado e que a pouco e pouco se alcançará, com a boa vontade de todos, o tipo definitivo.

\* \* \*

Cumpre-nos o dever de dar conhecimento aos nossos leitores, que a Direcção deste boletim não teve conhecimento prévio do texto de uma nota ao artigo Vista panorâmica de Lisboa datada de 1763, inserto no número anterior, pois, em caso contrário, não seria permitida a sua publicação, visto ela sair, pela sua redacção e espírito, fora da índole deste boletim.

A DIRECÇÃO

# LISBOA NO FOLCLORE

POR LUIZ CHAVES

COMO O POVO CANTA, COMO RIMA COM ELA  
COMO VÊ E COMO SE RI POR CAUSA DELA

A LUIZ PASTOR DE MACEDO  
*... o de Lisboa*

Quem nunca viu Lisboa,  
Nunca viu coisa boa.

O folclore proporciona-nos aspectos curiosíssimos de psicologia popular. Por vezes desvenda problemas inesperados, e excita sugestões de interesse espiritual.

¿ Qual será a impressão que Lisboa produz nos portugueses do povo provinciano, tanto nos que a viram como nos restantes, os que nunca lhe poseram os «bentos olhos» em cima?

O inquérito directo não produziria o efeito desejado: frases, sentimentos de ocasião, daqueles pitorescamente designados de «fogos de vista», iluminura de simpatia ou antipatia por quem no repente do encontro formulasse as perguntas do inquérito.

Já o folclore nos orienta no assunto. O canto guia a expressão do sentimento. O povo pensa a rimar aforismos e a enquadrar cantigas, umas espontaneamente formadas, outras a seu modo espontaneamente repetidas, adaptadas, transplantadas em operação mental mais ou menos inconsciente.

As quadras, rápidas e bem vincadas, manifestam estados de alma em equilíbrio ou tensão. São gravuras psíquicas de desenho contornado, e mostram-se-nos como aguarela nitidamente distribuída na frescura das côres e na fluidez das coisas.

Apontamentos de pensar, reverberações de sentir, surto de saudades, quem canta, delinha a quadra, como qualquer de nós garatuja palavras a fixar ideias em canhenho de viagem. Dispersas por sua construção, por motivos criadores, por oportunidades de acção e de actuação, e espalhadas também por transporte a lugares mais ou menos longe daquele onde surgiram no momento próprio, revelam por isso mesmo as qualidades específicas.

Escreveu Silvio Romero que «o interêsse da poesia popular é todo ethnográfico e para êsse fim o mais apreciável são as variantes de um mesmo canto, porque são ellas que nos habilitam a conhecer como cada população modificou, adaptou ao seu meio a lição primitiva». Nesta espécie de inquérito ao pensamento popular, no referente a Lisboa, há destas adaptações; cantigas em que anda Lisboa, andam-lhes ligadas também outras terras, prêsas pela mesma necessidade activa de expressão de affecto. Mostram a um tempo unidade e difusão.

Em mais de quinze mil quadras, rebuscadas nos cancioneiros e colecções, como nos *Cantos populares portugueses* de Tomaz Pires<sup>(1)</sup>, no *Cancioneiro popular português* de Teófilo Braga<sup>(2)</sup>, nas *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos*, de A. Gomes Pereira<sup>(3)</sup>, nas colecções das três dezenas de volumes da *Revista Lusitana*, desde o *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores*, de Teófilo Braga, logo nos primeiros, e onde não faltam as ricas contribuições de Leite de Vasconcelos, o primeiro de todos, folclorista que o é cem por cento, as de Gomes Pereira, Fernando Barreiros, Monteiro do Amaral, A. C. Pires de Lima, etc.<sup>(4)</sup>, em tôda essa multidão de quadras é pequeníssimo o número das que se referem a Lisboa.

---

(1) 4 volumes com 10.000 quadras.

(2) 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa 1911.

(3) Esposende, 1916.

(4) Se pretendesse formar bibliografia, que em verdade é preciso e urgente

Destas, verifiquemos que umas são variantes do mesmo pensamento, outras designam Lisboa onde aparecem também nomes de mais terras em vez do dela; há-as ainda simples reflexos de quadra de outro sentido, ou com paralelismo de terras para orgulho de uma, e de menção de algumas por simplista variação geográfica do pensamento do cantor.

De forma que reduzida minoria aparece com original aplicação a Lisboa. Nas dez mil quadras dos *Cantos populares* de Tomaz Pires não há mais de sessenta que fazem alusão à Cidade: ainda oito destas têm referência indirecta, pois falam de S.<sup>to</sup> António de Lisboa. Trinta e quatro provêm do Alentejo, isto é mais de metade. De Trás-os-Montes é uma, do Minho outra e duas do Algarve. Quere dizer: quem mais conhece Lisboa, que mais não seja de nome, é o Alentejo; quem mais a desconhece são os Trasmontanos, Minhotos e Algarvios. A Beira-Alta, não figura, a Beira-Baixa tem na colectânea duas quadras. (1)

O fenómeno, para estes, explica-se pelo afastamento da influência directa de Lisboa. No cancionero de Vila Real, publicado por Gomes Pereira na *Revista Lusitana*, em mil cento e setenta e cinco quadras aparecem dezassete alusivas ao Pôrto e só três a Lisboa. Em oitocentas e setenta de Argoselo (Vimioso), nos *Cantares da minha terra*, de

---

fazer, lembraria os subsídios folclóricos de Fernandes Tomaz (Beira), Abade de Baçal (Trás-os-Montes), Lopes Dias (Beira-Baixa), os Pires de Lima (Minho e Trás-os-Montes), Sousa Júnior (Trás-os-Montes), Afonso do Paço (Viana do Castelo), Cardoso Marta (Figueira da Foz e Cadaval), Pombinho Jor. (Alentejo: Portel, Reguengos, etc.), e tantos mais. Nas revistas, como *A Tradição* (Serpa), *Alto Minho* (Viana), *Lusa* (Viana), *Portugalia* (Pôrto), *Ilustração Trasmontana* (Pôrto), *Portucale* (Pôrto), *Revista de Guimarães*, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (Pôrto), *Arquivo Transtagano* (Elvas), grande colaboração folclórica apareceu sempre. Folcloristas entre os primeiros, pelo mérito de estudo e de divulgação inteligente da poesia popular, é justíssima a citação de D. Carolina Micäelis de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Cláudio Basto, Agostinho de Campos. Em monografias modernas não esquecem seus autores as quadras locais. *As Mil Trovas*, de Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, as *Cem quadras*, de Cláudio Basto, outras daqui e dali, as quadras incluídas nas *Cem melhores poesias* de D. Carolina de Micäelis, aumentam o caudal.

(1) Embora possa ter escapado alguma unidade nesta estatística, o facto não destrói a conclusão.

Mário Aldino de Spoleto, (1) não há nenhuma que se refira sentimental ou sarcásticamente a Lisboa.

Já o Douro conta sete quadras com Lisboa à vista. Como compreender o caso aparentemente singular? Talvez por maior migração duriense, embora temporária, para Lisboa, ou evidências dos despiques do Pôrto, mais próximo, com Lisboa, mais longínqua.

Curioso, ainda mais curioso, é aparecerem apenas cinco quadras estremenhas; se tirarmos duas antoninas, ficam somente três com alusão lisboeta directa, duas das quais jocosas. Impressiona esta carência; talvez nos esclareça um pouco a bem conhecida quadra ribatejana, que não incluí na conta da Estremadura e nem me lembro de ter encontrado em Tomaz Pires:

Borda d'Agua, Borda d'Agua,  
Borda d'Agua, Santarém,  
Mais vale uma Borda d'Agua  
Que quanto Lisboa tem.

As influências regionais de Santarém ao longo da ribeira do Tejo (Ribatejo), Leiria pelo Norte e Setúbal pelo Sul, chocam fortemente com as de Lisboa, mais poderosas. Dêste choque procede espiritualmente, como produto de apêgo à terra e de reacção consequente contra o estranho, a quadra apontada. Semelhante origem devem ter as cantigas trocistas, tanto da Estremadura como principalmente, e por circunstâncias análogas de atracção económica, social e psicológica, as do Alentejo.

Quadras, que Tomaz Pires atribui à Estremadura, sem na verdade elas deixarem de o ser, pertencem nitidamente a Lisboa. Assim, por exemplo, são as que se referem às saloias, e as que mencionam os nomes de povoações periféricas da Capital.

Parto do princípio, fundamental, de que Tomaz Pires anotou honestamente a localização da colheita das quadras; e, além disso, admito que as não ouvisse repetidas noutros lugares, porque então o indicaria com lealdade. Também, por estatísticas obtidas em outras

---

(1) Pôrto, 1955.

colecções, chegamos à mesma conclusão; isto confirma, quanto possível, as lições deduzidas da colecção de Tomaz Pires.

Salvaguardados os êrros da contagem, mais que prováveis no exame exaustivo de dez mil quadras, ora formosas, ora pesadas, graciosas e grosseiras, leais e falsas, românticas e satíricas, mas umas após outras na pesca de arrasto de dez milhares de espécies: salvaguardados tais êrros a acrescentar às aritméticas estatísticas, que só fazem as contas à vista, a conclusão desconsoladora é esta: Portugal desconhece Lisboa.

O povo português ignora Lisboa. O povo nortenho conhece melhor o Pôrto do que o do Sul conhece Lisboa, talvez porque o Pôrto é mais atractivo e acolhedor, o que lhe dá êste cariz familiar, que nunca perdeu, e Lisboa, por universalista no passado e no presente, nunca teve e já hoje não pode ter. E talvez também porque o Pôrto é o centro comercial do Norte, cuja influência excede proporcionalmente na população mais densa e de actividade mais diferenciada, como por ter saído por lá quási toda a emigração para o Brasil, o que dá por certo importância sentimental à Cidade.

Provavelmente, influirá em grande parte o ressentimento político ou sequer a má vontade de ordem económica, desfavoráveis à Capital, donde partem as ordens e onde convergem os dinheiros pagos por cada um. Já um adágio de António Delicado dizia: «Partilhas de Lisboa com Almada, uma leva tudo, e a outra nada». (1)

Assim, Lisboa aparece nas cantigas por que rima com boa, como Coimbra rima com linda, Cascais com ais, em cantigas de aliteração mais ou menos acentuada. Aparece também por menção de terras em orgulhos patrióticos ou bravatas de conquistas amorosas. Ou, então, amores ausentes em Lisboa, vinditas de desilusões, chascos de vencidos, impotência de graciosos.

E Lisboa merece simpatia e atracções espirituais. O que representa na realidade nacional, tem de ser valorizado na intelligencia e no sentimento do que é, e do alto significado espiritual.

Temos o aforismo, que se diz e afinal se não sente:

---

(1) Ant. Delicado, *Adágios Portugueses*, 2.ª ed., pág. 121.

Quem nunca viu Lisboa,  
Nunca viu coisa boa.

Corresponde ao italiano: *Vedi Napoli, e poi muori*. Mas o nosso é um estímulo à vida e à visita a Lisboa, e apesar disso o Português morre e não vai à sua Capital.

\* \* \*

As quadras em que Lisboa entra por aliteração da rima e por sentido topográfico, têm esquema no dístico bem conhecido :

Lisboa é coisa boa ;  
Coimbra é coisa linda,

que pode tomar a forma de quadra, pela divisão das rimas em dois grupos de versos emparelhados :

Lisboa  
E' coisa boa ;  
Coimbra  
E' coisa linda.

Vamos, depois, encontrar a rima «Lisboa-boas» na letra do *Vira*, igualmente simétrica da rima «Coimbra-linda» : (1)

Meninas, vamos ao *Vira*,  
Que o *Vira*, é coisa boa ;  
Eu já vi dançar o *Vira*  
A's meninas de Lisboa.

---

(1) Meninas vamos ao *Vira*,  
Que o *Vira* é coisa linda ;  
Eu já vi dançar o *Vira*  
A's meninas de Coimbra.

Na série de prova, que se segue, acomoda-se a mesma aliteração com assuntos e pretextos vários.

Hei de cantar, hei de rir,  
Hei de passear Lisboa;  
O meu rir e o meu cantar  
Não me tiram de eu ser boa.

O meu amor diz que vai  
Na segunda p'ra Lisboa;  
Se me leva, vou com êle,  
Se me deixa, fá-la boa <sup>(1)</sup>

Vá laranja ao ar,  
Que eu venho de Lisboa;  
Tu não tens em casa  
Uma coisa tão boa. <sup>(2)</sup>

Quem tem pessegueiro à porta,  
Tem regalo e sombra boa;  
Tu de bonita tens fama  
Dos «montes» até Lisboa. <sup>(3)</sup>

Se ouvires tocar os sinos  
Na cidade de Lisboa,  
Morreu Carolina Augusta,  
Que era uma moça bem boa. <sup>(4)</sup>

Almocreves, Almocreves,  
Almocreves de Lisboa,

---

(1) Conhecida Atribui-a T. Pires ao Douro, *Cantos populares*, III, 306, n.º 6813.

(2) P. Fernandes Tomaz, *Canções populares da Beira*, Coimbra, 1923, pág. 76: dá também a da rima «Coimbra-linda».

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 232, n.º 1350.

(4) Algarve: T. Pires, *Cantos*, I, 391, n.º 2285.

Quando abalam para Abrantes,  
Nunca fazem coisa boa. (1)

Lavadeira, que lava a roupa,  
Ela lava a roupa boa ;  
Ela lava, lava a roupa,  
O sabão vem de Lisboa. (2)

A saia da Margarida  
De curta ficou bem boa ;  
O ladrão do alfaiate  
Talha à moda de Lisboa. (3)

Nossa Senhora da Póvoa,  
Nossa Senhora tão boa,  
Chega a Vossa nomeada  
A' cidade de Lisboa. (4)

As duas quadras seguintes, de Portel, completam-se para formar uma «moda» inteira, de bailar ao rodopio :

---

(1) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 129, n.º 8594. Dos almocreves de Abrantes diz outra quadra do mesmo coleccionador :

Os Almocreves d'Abrantes,  
Quando andam no caminho,  
Boa cama, bom pão alvo,  
Melhor borracha de vinho.

(2) Fernandes Tomaz, *Canções*, pág. 225.

(3) A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos*, Espozende, 1916, pág. 41, n.º 22 ; o n.º 21 dá o simile «Linda-Coimbra».

(4) Penamacôr: Adelino Cordeiro, *Etnografia da Beira*, Viana, 1957, pág. 32; e, paralelamente, na página imediata :

Nossa Senhora da Póvoa,  
Nossa Senhora tão linda,  
Chega a Vossa nomeada  
A' cidade de Coimbra.

Ao virar da esquina,  
Um dia em Lisboa,  
'Stava uma menina,  
Catita, bem boa.

Catita, bem boa,  
Catita, bem bela ;  
Ao virar da esquina,  
Um dia em Palmela. (1)

Na canção dialogada «Mariquinhas», de Tortozendo e Dominguzo, (Beira Baixa) já recolhidas por Lopes Dias, canta-se na terceira quadra :

Não a ter eu encontrado  
Para os lados de Lisboa,  
Dizendo os estudantes :  
— Mariquinhas, és tão boa ! (2)

Mais estribilhos de cantigas coreográficas aproveitam as mesmas rimas.

Ailé,  
Lisboa, Lisboa,  
Por mais um vintém  
Quero coisa boa. (3)

Eu vi a dália  
Lá em Lisboa ;  
Tão pequenina,  
Era tão boa ! (4)

---

(1) J. A. Pombinho Júnior, in *Arquivo Transtagano*, 4.º ano, n.º 3, 15 de Set., 1937, pág. 46, n.º XCIX.

(2) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Fomalhão 1927, vol. II, pág. 51.

(3) Fernandes Tomaz, *Canções*, pág. 13, e a par a correspondente a Coimbra.

(4) Fernandes Tomaz, mesmo lugar, pág. 196, id. para Coimbra.

As variantes abrangem, depois de Lisboa e Coimbra, as vilas de Sintra e Cascais :

Eu vi a dália  
Lá em Sintra ;  
Tão pequenina,  
Era tão linda ! (1)

Eu via a dália  
Lá em Cascais ;  
Tão pequenina,  
Já dava ais ! (2)

Outra cantiga, da família folclórica de *A Dália* :

Eu vi Amélia  
Lá em Lisboa ;  
Tão pequenina,  
Era tão boa ! (3)

É muito conhecida a cantiga infantil, do mesmo tipo :

O preta, ó preta,  
Lá em Lisboa  
Jogando as cartas  
É coisa boa. (4)

Tôda a gente conhece a simpática «joaninha» de élitros vermelhos, pintalgados de preto (coleóptero, coccinela); poussa em nós, e logo lhe dizemos, ainda presos da mesma crença no nosso estímulo :

---

(1) e (2) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular português*, 2.ª ed. Lisboa, 1911, págs. 496-497.

(3) Fernando Tomaz, *Canções*, pág. 196, e com esta a respectiva de Coimbra.

(4) Também aparece «ó preta, ó preta»... e tem paralelamente a de «Coimbra-linda».

Joaninha, v<sup>o</sup>a, v<sup>o</sup>a,  
Leva as cartas a Lisboa.

Completa, com o dístico apenso, a quadra deselegante :

Joaninha, v<sup>o</sup>a, v<sup>o</sup>a,  
Leva as cartas a Lisboa,  
Se passares pela minha porta,  
*Darei-te* pão e cebôla. <sup>(1)</sup>

Também «Lisboa» rima com «sôa», na quadra de Proença-a-Velha :

Nossa Senhora da Granja,  
O vosso sino não sôa :  
Virgem, se tendes dinheiro,  
Mandai vir um de Lisboa. <sup>(2)</sup>

\* \* \*

¿ Só com Lisboa, Coimbra, e secundariamente, Sintra e Cascais, acontece isto ?

A saudável vila de Olivença tem nas quadras do Alentejo, sua província mãe, as rimas «paciência» e «diligência», toantes, e «bença» (bênção) forma popular, que como «presença» dá consonância. Alguns exemplos, ao mesmo tempo servem de homenagem.

Tenho um lencinho encarnado,  
Bordadinho à paciência,  
Que me deu o meu amor,  
Quando veio d'Olivença. <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Barroso : Fernando Barreiros, in *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 101, n.º 11.

<sup>(2)</sup> Beira Baixa : Lopes Dias, *id.*, II, pág. 125.

<sup>(3)</sup> Alentejo : T. Pires, *Canções*, III, 24, n.º 5139.

Tomara já que viesse  
O meu amor d'Olivença,  
P'ra me ajudar a levar  
Esta cruz com paciência. (1)

Eu lá fui a Olivença,  
Uma vez e não sei quando ;  
De que serve a diligência,  
Em a ventura faltando! (2)

Eu lá fui a Olivença,  
Andei três dias a pé ;  
Amor, faz diligência,  
Que a falta por mim não é (3)

Vivam Campo Maior e Elvas,  
Viva a vila de Olivença,  
Viva também o meu amor,  
Que tem tão bela presença. (4)

Ailé,  
Vila d'Olivença ;  
Antes de cantar,  
Vem pedir-me a *bença*. (5)

Ouvi na aldeia formosa de Paúl, no concelho da Covilhã, esta quadra com a rima de Pôrto-gôsto :

Meu coletinho de ramos,  
Mandei-o a dourar ao Pôrto ;  
Deus queira que venha lindo,  
E douradinho a meu gôsto.

---

(1) Alentejo : T. Pires, *Canções*, III, 353, n.º 7085.

(2) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 158, n.º 5935.

(3) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 425, n.º 7512.

(4) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, IV, 353, n.º 9893.

(5) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, IV, 570, n.º 535.

\* \* \*

Outras quadras mencionam indirectamente a cidade de Lisboa na evocação de S.<sup>to</sup> António :

Santo António de Lisboa,  
Não tem velas no altar ;  
Em o Santo me casando,  
Hei de lh'as lá ir levar. <sup>(1)</sup>

Santo António de Lisboa,  
Não quer que lhe chamem Santo ;  
Quer que lhe chamem António,  
General, mar'chal de campo. <sup>(2)</sup>

Santo António de Lisboa  
Guardador dos olivais,  
Guarda lá a minha azeitona  
Do biquinho dos pardais. <sup>(3)</sup>

Santo António de Lisboa,  
Guardador dos olivais,  
Guarda lá o meu lindo amor,  
Que cada vez foge mais. <sup>(4)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Douro : T. Pires, *Cantos*, I, 94, n.º 551.

<sup>(2)</sup> Alentejo : T. Pires, *Cantos*, I, 90, n.º 528. Traz na mesma pág. a variante :

Santo António de Lisboa,  
Não quer que lhe chamem Santo ;  
Quer que lhe chamem António  
Do Divino *Espírito Santo*. (n.º 529)

<sup>(3)</sup> Estremadura : T. Pires, *Cantos*, I, 95, n.º 562.

<sup>(4)</sup> Douro : T. Pires, *Cantos*, I, 96, n.º 563.

Santo António de Lisboa,  
Espelho de Portugal, <sup>(1)</sup>  
Ajudai-me a vencer  
Esta batalha real. <sup>(2)</sup>

\* \* \*

Surgem várias terras a debater primazias. E' assunto aproveitado pelos cantores de despique e desafio, e nos ranchos agrícolas. Não há que estranhar encontrar Lisboa no género.

Lisboa é praça d'armas,  
Coimbra é dos estudantes,  
O Pôrto dos mercadores,  
Vila Real dos amantes. <sup>(3)</sup>

Das cidades é Lisboa,  
Das vilas é Vila Real <sup>(4)</sup>  
Das aldeias Santo Amaro, <sup>(5)</sup>  
Das quintas rei é Urgal. <sup>(6)</sup>

Chamaste a Abrantes vila,  
A Rio-de-Moinhos aldeia,

---

<sup>(1)</sup> *Espelho* de virtudes espirituais em que Portugal se revê, ou que sôbre Portugal reflete o Sol da protecção divina?

<sup>(2)</sup> Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 90, n.º 527. Provirá de alguma xácara seiscentista desagregada, a que pertencesse como invocação, na hora do combate ou «batalha real», no comando das tropas do rei?

<sup>(3)</sup> A. Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, IX, 254, n.º 224. (Outra quadra só difere desta na rima: «estudantes — tratantes».)

<sup>(4)</sup> Apesar de cidade, Vila Real por fôrça do nome será sempre vila.

<sup>(5)</sup> Santo Amaro: freguesia do concelho de Vila-Nova-de-Foscôa (Guarda).  
Urgal: provàvelmente na freguesia de Santo Amaro.

<sup>(6)</sup> Beira-Baixa: T. Pires, *Cantos*, IV, 303, n.º 9592.

A Lisboa arcos de prata, <sup>(1)</sup>  
Onde o meu amor passeia. <sup>(2)</sup>

Se Lisboa fôra minha,  
Não fôra de meu irmão,  
Fizera d'Elvas Lisboa,  
De Campo-Maior Marvão. <sup>(3)</sup>

Não esquecem as saloias aos que as vêem na Capital. Formam, no meio da desolação geral, que a perda de qualidades características provocou, a côr simples, lavada, pobre, única hoje, de Lisboa.

Quem me dera em Lisboa,  
A' porta de uma taberna,  
P'ra vêr passar a saloia  
Com a saia a meia perna. <sup>(4)</sup>

A quadra, recolhida na aldeia da Rapa (Celorico-da-Beira), desenha nitidamente dois perfis: o etnográfico, da saloia; o moral do poeta.

Referências ao traje velho da saloia, ei-las agora; são de folclore lisbonense dos arredores, ou da região mais próxima de Lisboa.

Sou saloia, trago botas,  
E também trago manteu,  
Também trago carapuça  
Debaixo do meu chapéu. <sup>(5)</sup>

Sou saloia, trago botas,  
Também trago o meu manteu

---

(1) «Arcos de prata»: aqueduto das Aguas Livres? plural aumentativo, referido ao Arco da Rua Augusta? ou Terreiro do Paço?

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, n.º 9709.

(3) Alentejo: S. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9680: vê-se que é do Alentejo.

(4) D. Maria Furtado de Mendonça, *Revista Lusitana*, XVI, 321, n.º 253.

(5) Lisboa: Teófilo Braga, *Cancioneiro pop.*, pág. 525.

Também tiro a carapuça  
A quem me tira o chapéu. <sup>(1)</sup>

Outras alusões ; uma em que a saloia fala de si :

Sou saloia, vendo queijos,  
Também vendo requeijão,  
Também falo ao meu amor,  
Quando tenho ocasião. <sup>(2)</sup>

estoutra de donjoanismo barato, de beijo ao vintém :

Ó saloia, dá-me um beijo,  
Que eu te darei um vintém,  
Os beijos de uma saloia  
São caros, mas sabem bem. <sup>(3)</sup>

quadra que Teófilo Braga diz de Lisboa, e, bem se compreende dever de o ser.

\* \* \*

O traje da saloia, a que vemos alusão nas quadras, era pitoresco e decorativo : — corpete colorido de gola revirada e mangas justas, saia erguida e enrolada à cinta, saiote de côr viva ; capa ou mantéu azul, sôbre os ombros, pendente ; carapuça de ponta para a testa, ponta aguçada como de prôa em riste ; a prendê-la o lenço, que do soqueixo cobre a nuca, e sobe ao cocuruto da cabeça, apertando a carapuça adiante da base.

Vêmo-lo nas colecções de trajes de Macphail e outros, nas agualas de Roque Gameiro, Alfredo Morais e Alberto Sousa. Era assim que as saloias de em volta de Lisboa trajavam, ainda no segundo quar-

---

<sup>(1)</sup> e <sup>(2)</sup> Fornecidas pelo etnógrafo, Sr. Eng.º Guilherme Felgueiras.

<sup>(3)</sup> Lisboa : Teófilo Braga, *Cancioneiro*, pág. 526.

tel do século passado. Factores sociais, económicos, morais, destruíram a pouco e pouco as tradições de tóda a espécie, que caracterizavam o povo e lhe davam feição singular e vida própria.

\* \* \*

As ruas de Lisboa haviam de aparecer na poesia popular :

Ó cantadeira afamada,  
Já te vou tirar a prôa :  
Diz-me lá, minha menina,  
Quantas ruas tem Lisboa ?

É, como se pressente, cantiga de desafio. Não se faça esperar a resposta. Êle provoca-a. Ela aceita a provocação.

Quantas ruas tem Lisboa,  
Digo-t'as sem contar :  
Tem dezoito ao comprido,  
Dezanove a atravessar. (1)

Dá provas de grandeza conhecer as ruas ; vá, então, de as nomear. Esta moda, de duas quadras de Reguengos, o salienta :

S'eu quisesse amar bonecos,  
Mandava-os vir de *Stremôris*.  
Vergonha da minha cara,  
S'eu contigo tinha *amôris* !

S'eu contigo tinha *amôris*,  
S'eu era o *tê* namorado,  
*Mandav'ós* vir de *Stremôris*,  
*Mandav'ós* vir do Chiado. (2)

(1) *Revista Lusitana*, VI, 326 : «Cantigas Geográficas».

(2) J. A. Pombinho Júnior, in *Arquivo Transtagano*, 3.º ano, 1935, págs. 60-61, n.º LI, e *Cantigas populares alentejanas*, Pôrto, 1936, pág. 51, n.º 141.

E na quadra a seguir, as «varandas verdes», não servirão de memória adulterada, talvez prova megalomaniaca, de engrandecer janelas e varandas?

Quem me dera em Lisboa,  
Detrás das varandas verdes,  
Para ver cravos rosas,  
Alecrim pelas paredes. (1)

Quadra lisbonense é esta em que se nos fala do Campo Grande e das moças, que de madrugada vêm dos arredores, como Loures, Odivelas, etc., ao mercado e à entrega das trouxas de roupa lavada :

No meio do Campo Grande  
Está uma pedra lavrada,  
Onde o meu amor descansa,  
Quando vem de madrugada. (2)

Talvez nesta referência do «fala-só» haja algumas ligações com a curiosa denominação da «Travessa do Fala-Só», à Glória, pertinho da Avenida :

Chamaste-me fala-só,  
Oh que falsa opinião!  
Estava a falar contigo,  
Falando ao meu coração.

O Castelo deu azo à nota topográfica da quadra seguinte : Lisboa, Roma, Castelo :

Se Lisboa fôra ali,  
E Roma atrás do Castelo,  
Casava contigo, ó prima,  
Só pelo bem que te quero.

---

(1) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores: Povoação* (S Miguel) : *Revista Lusitana*, IV, 300, n.º 328.

(2) Estremadura : Tomaz Pires, *Cantos*, IV, 484, n.º 75.

Havia algum antigo cruzeiro de encruzilhada ou de linda eclesiástica, no alto da Rua do Patrocínio, à Estrela :

Na Rua do Patrocínio  
Há uma cruz lá no cimo ;  
Procura a mulher bonita  
Quem quiser ter bom arrimo (1)

A relação do Limoeiro com os «ferros de El-Rei» só pode ter verdade em Lisboa. Por isso, as quadras :

As grades do Limoeiro  
São vinte, que eu as contei ;  
Por causa duma menina,  
Aos ferros d'el-rei cheguei. (2)

Você diz : arromba, arromba ;  
Não se arromba sem dinheiro ;  
Esta noite arrombei eu  
As portas do Limoeiro. (3)

não podem deixar de aparecer nesta colecção. O mesmo nos leva a incluir a seguinte, onde há clara alusão ao abastecimento público do chafariz de El-Rei, em Alfama :

Os meus olhos se obrigaram  
Ao que eu nunca me obriguei :  
A dar água todo o ano  
Para o Chafariz d'El-Rei. (4)

---

(1) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 402, n.º 7378.

(2) Beira Baixa : T. Pires, *Cantos*, III, 163, n.º 5963.

(3) Estremadura : T. Pires, *Cantos*, IV, 255, n.º 9321.

(4) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, 3.ª ed., Lisboa, 1917, pág. 225, n.º 707.

Adeus, lugar de Lisboa,  
 Adeus, passeio da Trindade;  
 As penas que eu por ti tenho,  
 Deus Nosso Senhor as sabe. (1)

E' conhecida a expressão de ameaça, espanto ou refôrço, — «cai o Carmo e a Trindade»; tão a par na topografia de Lisboa estavam os dois conventos de carmelitas e trinitários, que a frase os abrangeu. Serviu-se dela o poeta popular.

Você diz que caia o Carmo,  
 Caia a Trindade também;  
 Caiam os olhos da cara  
 A quem me não quizer bem. (2)

O número 7 com o seu valor fatídico e com a sua contagem de amuleto abstracto, faz também plural aumentativo. Reüne os dois factores, um extrínseco e centrípeto, outro intrínseco e centrífugo. Aplicada a imagem-refôrço a Lisboa, sai-nos Lisboa com *sete esquinas*, como o «anel das sete pedras». E mais: as esquinas apontam tôdas ao Norte.

Lisboa tem sete esquinas,  
 Tôdas viradas ao Norte;  
 Esta cidade está cheia  
 Da fama que me poseste. (3)

Completa e confirma o sentido ideológico desta quadra, estrouta de S. Simões de Novais:

(1) Douro: T. Pires, *Cantos*, III, 176, n.º 609.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 268, n.º 6587. O Convento de Santa Maria do Carmo foi fundado por Nun'Alvares em 1398, no alto das Pedreiras do Almirante, — actualmente o *Carmo*. O da Ordem da Santíssima Trindade, simplesmente Trindade, ficava na rua que dele conserva ainda o nome e da qual vêm as designações de «Teatro da Trindade», «Ourivesaria da Trindade», etc.

(3) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores*, in *Revista Lusitana*, IV, 312, n.º 503: Ilha do Pico.

Lisboa com ser Lisboa,  
Tem sete portas de entrada;  
Fechando-se as sete portas,  
Fica Lisboa fechada. (1)

Uma quadra devia ter ficado na série das que, logo no princípio, aliteram «Lisboa com boa». Coloquei-a, porém, aqui para observar a expressão pitoresca de contracção psicológica de «Capital-Lisboa»:

Hei de mandar fazer,  
Não sei se ficará boa,  
Uma ponte de madeira  
Na capital de Lisboa. (2)

«Capital de Lisboa» vale por «Lisboa, Capital de Portugal», ou «Cidade, capital, de Lisboa».

O provinciano vem ver Lisboa. Quem nunca viu Lisboa, — Nunca viu coisa boa». A cidade imperial atrai-o. Vê-a. Sente-a. Quantas lembranças lhe ficam! Eis as impressões imediatas:

Quatro coisas tem Lisboa  
Muito à minha vontade:  
A estátua, o Tejo, o rei,  
E a Avenida da Liberdade. (3)

A visita deixa-lhe saudades, e as memórias evocadas, salientes, cada uma em seu objecto, são o Rei, a estátua equestre de D. José I, o Tejo magnífico, e a formosa perspectiva urbana da Avenida. E depois?

---

(1) Joaquim Pires de Lima e Fernando Pires de Lima, *Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho*, Barcelos 1938, pág. 89. Assim, da voz popular, a «cidade das sete colinas» tem sete portas como a de Tebas, — a Tebas da *Antígona*, de Sófocles, e de *Os sete deante de Tebas*, de Ésquilo.

(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 318, n.º 9684.

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9689.

Não me lembrava Lisboa,  
 Nem que tal cidade havia ;  
 Agora, já me não 'squece  
 Nem de noite, nem de dia. (1)

Um dia, a viagem inesperada surgiu no horizonte familiar, apertado e singelo. Lisboa estava no rol dos esquecidos, ou melhor no limbo do subconsciente. Conhecê-la, vivê-la, criou o estado mental, revelado pela quadra. Acontece, todavia, que outra tem Pinhel onde nesta lêmos Lisboa!

Não me lembrava Pinhel,  
 Nem que tal cidade havia ;  
 Agora me não esquece,  
 Nem de noite nem de dia. (2)

¿ Qual delas foi a influente e, por exclusão a influída? Uma é sem dúvida reflexão da outra, precisamente iguais. O que interessa agora, reduzido fica ao espírito revelado. Logo outra reage contra o estranho :

Lisboa, com ser Lisboa,  
 Com ter o senhor que tem, (3)  
 Não é terra como a minha  
 Para amar e querer bem.

Isto é: apesar da superioridade objectiva de Lisboa, a «parvónia» vale mais na vida subjectiva.

Borda-d'Agua, Borda d'Agua,  
 Borda-d'Agua, Santarém :  
 Mais vale uma Borda-d'Agua  
 Que quanto Lisboa tem.

(1) Serpa, Alentejo : *Revista Lusitana*, VI, n.º 102, 2.ª col.

(2) Leite de Vasconcellos, *Revista Lusitana*, XXVII, 299.

(3) Este senhor é o Rei, senhor de Lisboa. Conferir com a anterior em que o poeta revê as quatro coisas que Lisboa tem.

Ribatejo acima, à beira do rio, a Borda-d'Água desafia grandezas a Lisboa, e ergue presunções amigas. De uma anedota da Beira lembrou o Dr. Leite de Vasconcellos nos *Ensaio Ethnográficos*: «Linda terra é Lisboa, mas a Gralheira» . . . (1) Ao recordá-lo, ouvimos repenicar os estalinhos dos dedos em girândolas de entusiasmo.

O anseio de correr a Lisboa, a fazer vida e ganhar dinheiro com ordenados e férias, que o Douro não dá, formou a quadra :

Ó Lisboa, ó Lisboa,  
Ó Lisboa, a ganhar!  
Também aqui há Lisboa  
P'ra quem sabe trabalhar. (2)

Quadra semelhante corre no Norte, alusiva paralelamente ao Brasil, o que não admira em zona, de emigração para lá.

.....  
Também aqui há Brasil,  
P'ra quem sabe trabalhar.

E' viva a ironia da quadra seguinte; exprime a emulação, a inveja, a rapacidade, que gera o ódio à vila, à cidade, por extensão maior a Lisboa.

Na cidade de Lisboa,  
Quem é rico passa bem ;  
Assim é na minha terra,  
Ou noutra qualquer também. (3)

Como o pensamento retêm a sensação da viagem de Alentejano, que regressa e passa o Tejo, di-lo a cantiga :

Quando eu vinha de Lisboa,  
Deitei os olhos às barcas ;

(1) Leite de Vasconcellos, *Ensaio*, IV, 370.

(2) Douro : T. Pires, *Cantos*, IV, 318, n.º 9682.

(3) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, IV, 218, n.º 9102.

Quem amar a dois amores,  
Tem que lhes mentir nas cartas. <sup>(1)</sup>

sensação que mais tarde a imaginação e a rima convertem no assunto de poesia amorosa. Duas quadras, uma estremenha, alentejana a outra, filosofam do amor no plural:

Quem ama duas a par,  
Deve ter grande talento,  
Para poder arranjar  
Tanta mentira a um tempo. <sup>(2)</sup>

Tu, ingrato, amas duas,  
Também podes amar três;  
Também podes amar quatro,  
Cada uma por sua vez. <sup>(3)</sup>

A solução sugerida pela môça tem pitoresco: O egoísmo deleita-a, de lembrar a sua vez, na série das amadas do ingrato; a sua hora imaginada exclue a existência das rivais.

Tenho um amor em Lisboa,  
Outro em Ponte-de-Lima,  
Outro em Penafiel,  
Outro ainda mais acima. <sup>(4)</sup>

O enunciado não significa emulação de terras, mas vaidades do cantor minhoto.

Tenho um amor em Lisboa,  
Outro na banda d'além;  
Inda espero arranjar outro,  
Quando fôr a Santarém.

<sup>(1)</sup> Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 55, n.º 5324.

<sup>(2)</sup> Estremadura: T. Pires, *Cantos*, III, 67, n.º 5398.

<sup>(3)</sup> Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 119, n.º 5701.

<sup>(4)</sup> Fernando C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pág. 18, n.º 97.

A Banda de Além será a Outra Banda; assim o diz quem o cante, estando em Lisboa: Santarém para cima e, para baixo, a Outra Banda, na margem esquerda do rio Tejo.

Continua a vanglória do conquistador anónimo; êste agora é de Lisboa ou, se de fora, conhece-lhe bem os arredores.

Tenho em amor em Belas,  
Tenho outro em Queluz,  
Um outro na Trafaria,  
Um quarto no Bom Jesus. (1)

O quarto namoro foi buscá-lo tão longe, que denuncia necessidade de rima ou conhecimento da estampa vulgar do santuário do Bom Jesus de Braga.

Eu tenho os meus amores  
Para os lados de Benfica:  
É feia e trigueirinha,  
Mas gosto dela, que é rica. (2)

De Lisboa será também esta quadra, tanto pela nomeação de Benfica, e T. Pires dá-a da Estremadura, como pela clara alusão utilitária da riqueza.

\* \* \*

O namorado foi tentar a sorte em Lisboa. Assim nasceu a quadra-suspiro:

Ó Lisboa, ó Lisboa,  
Terra da minha afeição,  
Onde eu tenho o meu amor;  
Ninguém diga que não. (3)

As cantigas apaixonadas, cheias de lamentações da ausência, cor-

(1) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 303, n.º 9595

(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 320, n.º 9697.

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9683.

tadas de ais, nervosas de rever distâncias, chamamentos de amores em Lisboa, são do Alentejo. Os amores do Norte vão para o Brasil, os do Sul vêm para Lisboa, que fica mais perto e é menor aventura para gente prática e de mais inteligente utilitarismo. Aí vai prova de marcha para Lisboa :

A cana verde no mar  
Anda à roda do mato :  
Hei de ir daqui p'ra Lisboa,  
Aprender a calafate (1).

Os dois versos primeiros são confusos e ininteligíveis : o mar para onde o homem vai, e o mato donde sai, embrulham-se-lhe no pensamento ; definem os outros dois o objectivo.

E, a seguir, os sentimentos da ausência :

Que longe que está Lisboa,  
Essa pena é que é a minha !  
Queria saber se morreram  
Certos amores, que eu lá tinha (2).

Algumas do grupo expressivo de adeus, ó terra de...

Adeus, ó bela Lisboa,  
Quem me pudera la ir,  
Para matar as saudades  
De quem não pode cá vir (3).

Adeus, Lisboa cidade,  
Manda-me de lá um mimo :  
Uma carta de meu mano,  
Que é a coisa que eu mais estimo (4)

(1) Douro : T. Pires, *Cantos*, I, 344, n.º 2014.

(2) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 351, n.º 7075.

(3) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 379, n.º 7243.

(4) Alentejo : T. Pires ?

Andando eu a mondar,  
Um lencinho achei;  
Cheio de suspiros,  
Para Lisboa o mandei. (1)

Fui a Lisboa num ai,  
E voltei de lá num ui;  
Ninguém vai a Lisboa,  
Tão depressa como eu fui (2).

O' Lisboa, ó Lisboa,  
Quem te atirara dois tiros!  
Fôra a pólvora de ais,  
A munição de suspiros (3).

Inda que esteja o papel  
A meia moeda moeda a fôlha,  
Não deixarei de escrever  
Para a côrte de Lisboa (4).

Cada vez que vejo ir  
Passarinhos à lagôa,  
Penso que são escritinhos,  
Que me trazem de Lisboa (5).

Quem me dera em Lisboa,  
Quem me dera agora lá,  
Para alívio de uma pena  
De um padeiro, que lá 'stá (6)

---

(1) Beira Baixa: J. Lopes Dias, no Suplemento «Letras e Artes» das *Novidades*, N.º 50, Lisboa, 14-VIII-938, n.º 4.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 318, n.º 9685.

(3) O autor da quadra foi soldado: fala de tiros e de munições.

(4) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 365, n.º 7158.

(5) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 306, n.º 1786.

(6) Alentejo: Sta. Vitória do Ameixial (Estremoz): Luiz Chaves, in *Revista Lusitana*, XIX, 509, n.º 200.

Tôdas as aves têm penas,  
Tôdas vão ter a Lisboa :  
E só o meu coração  
Tem mil penas, e não vôi (¹).

O' amor, amor,  
Mete algum empenho,  
Que eu vá p'ra Lisboa ;  
Já de lá não venho (²).

Não faltam referências ao Tejo, evidentemente o rio de Lisboa e em Lisboa. Tem navios, e há na cidade colégios :

O meu amor é estudante,  
Ele estuda num *colejo* ;  
E' para ser capitão  
Duma nau, que está no Tejo (³).

Olha, êste ano há muito cravo,  
O' Rosa, emprega-te bem ;  
Não te afogues em pouca água,  
Que o Tejo bastante tem. (⁴)

Do tempo em que da Baixa (Terreiro do Paço) ia o vapor para Belém com passageiros, como os havia pelo rio acima, e a bordo dum dêles começa a narrativa de Garrett nas *Viagens na minha terra*, e como os há para a Outra Banda, ficou o documento folclórico de Lisboa :

De Lisboa para Belém  
Vai a gente no vapor ;

---

(¹) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 271, n.º 869.

(²) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 388, n.º 7294.

(³) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, I, 314, n.º 1835. A referência a nau e a Colégio onde os rapazes estudavam para oficiais de marinha, lembra que possa aludir à Academia Real de Marinha, instalada no Colégio dos Nobres em 1799, e extinta em 1837

(⁴) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, I, 314, n.º 1836.

Encontram-se meninas bonitas  
Falando co'seu amor. <sup>(1)</sup>

Anotámos já quadras de povoações com emulação de primazias. Guardemos agora outros exemplos em que o desafio de vaidades localistas alude, para abater pretensas superioridades, ao «braço de mar» e aos navios que nele Lisboa tem:

Lisboa, por ser Lisboa,  
E ter navios no mar,  
Não é como a minha terra,  
A mais linda de Portugal. <sup>(2)</sup>

Quere dizer: Lisboa, a-pesar do rio, ou do mar, com os navios, que a minha terra não tem, não chega às belezas desta, a mais linda de Portugal. E esta, que é alentejana por dentro e por fora:

Lisboa, com ser Lisboa,  
Tem o seu braço de mar;  
Não há terra como Moura  
No reino de Portugal.

A «cantilena do marinheiro», colhida por Teófilo Braga em Coimbra, pertence ao ciclo dos Descobrimentos e à família da «Nau Catriqueta». O assunto é idêntico. Na «Cantilena», o gageiro não grita que vê terras de Espanha e areias de Portugal; anuncia *terra de Lisboa*:

Perdido lá no mar alto  
Um pobre navio andava.  
Já sem bolacha e sem rumo,  
A fome a todos matava.

<sup>(1)</sup> Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 320, n.º 9995.

<sup>(2)</sup> Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 344, n.º 2018.

Variante: Lisboa com ser Lisboa,

.....  
.....  
A mais linda de Portugal.

Deitaram as negras sortes,  
A ver qual dêles havia  
Ser pelos outros matado  
Pr'ó jantar daquele dia.

Caiu a sorte maldita  
No melhor moço que havia.  
Ai! como o triste chorava,  
Rezando à Virgem Maria!

Mas, de repente, o gageiro,  
Vendo terra pela proa,  
Grita alegre lá da gávea:  
— Terra, terra de Lisboa. (1)

A cantilena popular liga, na lógica da história, o pôrto de Lisboa e os episódios da época das Navegações.

\* \* \*

Das quadras, evocativas ou sentimentais, atrás retidas, passemos agora às de intenção irónica, depreciante e vingativa. De vinte e duas reunidas, dôze são alentejanas, e conto as iguais ou de pequena variação, o que lhes dá 54,5%; se contar apenas as que Tomaz Pires recolheu, e foram quinze, cabem ao Alentejo onze, ou a elevada proporção de 73,3%, números que confirmam as observações feitas sobre a maior influência de Lisboa nas terras alentejanas. É pena que T. Pires não nos mencionasse as povoações, onde colheu as cantigas, porque veríamos a distribuição e os focos de maior acção.

De Lisboa me mandaram  
Quatro pêras num raminho;  
Como eram coisas de longe,  
Comeram-nas no caminho. (2)

(1) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular português*, págs. 525 e 526.

(2) Alentejo: Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), *Revista Lusitana*, XIX, 301, n.º 69.

De Lisboa me mandaram  
Cinco maçãs num carrinho;  
O ladrão do portador  
Comeu-m'as pelo caminho. (1)

Uma do Sul, outra do Norte, as duas quadras aludem quasi da mesma forma aos inconvenientes da distância e aos maus serviços das recovagens. Que a variedade não tem riqueza nem gentileza, mostra o a série seguinte, sinal de desfôrço da influência atractiva e modificadora da Capital sôbre a região do Sul e sôbre o character dos adaptados a ela e desenraizados da sua terra.

De Lisboa me mandaram  
Quatro frades num seirão:  
Frei Azeite, Frei Vinagre,  
Frei Alho e Frei Pimentão. (2)

De Lisboa me mandaram  
Quatro frades numa burra:  
Frei Machete, Frei Viola,  
Frei Guitarra, Frei Bandurra. (3)

De Lisboa me mandaram  
Um guisado com seu môlho:  
A costela duma pulga,  
O coração dum piolho. (4)

De Lisboa me mandaram  
Um presente com seu môlho:

---

(1) Minho: S. Simão Novais, Fernando C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pag. 34, n.º 306.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 233, n.º 3946. Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 31, n.º 101.

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9690.

(4) Minho: S. Simão de Novais, F. C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pág. 35, n.º 307.

O coração duma pulga,  
E as asas dum piolho. (1)

De Lisboa me mandaram  
Um guisado com seu môlho :  
O coração duma pulga,  
A cachola dum piolho. (2)

De Lisboa me mandaram  
As orelhas dum piolho,  
Metidas dentro dum cofre  
Do feitio dum repolho. (3)

De Lisboa me mandaram  
Uma condeça de riso :  
Um piolho c'um chocalho,  
Uma pulga c'um guiso. (4)

De Lisboa me mandaram  
Um macaco de presente,  
C'uma fita atada ao rabo,  
Fazendo festas à gente. (5)

De Lisboa me mandaram  
Um lagarto de presente :  
C'uma fitinha ao pescoço,  
Vinha doido de contente. (6)

De Lisboa me mandaram  
Uma cotovia assada,

---

(1) Vila Real : Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, IX, 255; n.º 246.

(2) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 192, n.º 3709.

(3) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 192, n.º 3702.

(4) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 192, n.º 3703.

(5) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 242, n.º 4001.

(6) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 199, n.º 3747.

Por fora cheia de dôce  
Por dentro de marmelada. <sup>(1)</sup>

De Lisboa me mandaram  
Um presente, nada mais :  
O teu retrato metido  
Nas *guerlas* dum bacalhau. <sup>(2)</sup>

De Lisboa me mandaram  
Uma camisa bem feita,  
C'o retrato do meu amor  
No punho da mão direita. <sup>(3)</sup>

De Lisboa me mandaram  
Quatro amòrinhas que é luto ;  
Meu amor, fica sabendo  
Que já te não quero *munto*. <sup>(4)</sup>

De Lisboa me mandaram  
Pau preto para um berço ;  
Agora anda na moda,  
Se te vir, não te conheço. <sup>(5)</sup>

Ainda mais cantares de mal dizer e escárneo, noutro diapasão  
porém, do Minho, Estremadura e Douro :

As mocinhas de Lisboa  
Já não sabem fiar 'stopa ;  
Andam pelos louceiros  
A ver se a malga tem sôpa. <sup>(6)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Minho : S. Simão de Novais, F. C. Pires de Lima, *Cantares*, pág. 65, n.º 626.

<sup>(2)</sup> Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 195, n.º 3720.

<sup>(3)</sup> Beira Baixa : T. Pires, *Cantos*, IV, 259, n.º 9346.

<sup>(4)</sup> Alentejo : T. Pires, *Cantos*, II, 151, n.º 3462.

<sup>(5)</sup> Trás-os-Montes : Vila Real.

<sup>(6)</sup> Minho : T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9679.

E' minhota e bem minhota, com a malga do sarcasmo de quem come a cheirosa sôpa, migada de borôa côr de ouro.

As meninas de Lisboa  
 Não tomam os banhos bem ;  
 Elas vem p'ra passear  
 A's praias de Santarém. (1)

Será do tempo em que de Lisboa iam pessoas rio acima tomar banhos a Santarém, quando não havia praias fluviais; ficaria mais barato, do que descer a Pedrouços, onde a Côrte aparecia; e não havia freqüência banhar nas povoaçõezinhas da beira do Tejo, hoje estendidas pela Costa do Sol algumas delas recentes. Além disso, o mêdo às águas movediças do estuário afastaria gente. A «barca dos banhos» não afoutava medrosos da água e amadores de natação. Como a quadra é estremenha, revela o facto documentado.

Lisboa, por ser Lisboa,  
 Também tem terras de pão :  
 Também tem criadas chiques,  
 Que dão beijos no patrão. (2)

Lisboa, por ser Lisboa,  
 Também tem terras de pão ;  
 Também tem môças bonitas,  
 Tão claras como o carvão. (3)

Não troçam apenas das raparigas, fazem-no também dos rapazes :

Minha mãe casou-me em Braga  
 Com um rapaz de Lisboa ;  
 Sapatos não os usava,  
 Camisa nem má, nem boa. (4)

(1) Estremadura : T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9680.

(2) Estremadura : T. Pires, *Cantos*, IV, 213, n.º 9079.

(3) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9688.

(4) Alentejo : T. Pires, *Cantos*, III, 477, n.º 7.814.

\* \* \*

A Lisboa do Terramoto de 1755 conserva memória das cantigas do povo. Três quadras, cada uma de sua província, o denotam. A visão de Lisboa em chamas, com as águas do mar «fora do seu natural», o «mar a crescer e a tornar ao seu natural», é conseqüente.

Eu já vi Lisboa a arder,  
Pedras finas a estalar,  
As ondas do mar bater  
Fora do seu natural <sup>(1)</sup>.

Eu já vi Lisboa a arder  
Pedra fina a estalar;  
Já vi o mar a crescer  
Tornar ao seu natural <sup>(2)</sup>.

Da narração setentista de poeta anônimo, corrente após a catástrofe, terão origem as quadras, ou nascidas em lugares diferentes pela sugestão da mesma narrativa que lhes deu ar de família, ou até procedentes de transcrição e adaptação de algum passo da narrativa. Esta terceira quadra pertence à série; pode ainda provir de outro passo de narrativa, romanceada como é do género da «literatura de cordel», reflexo das xácaras e sua continuação.

Eu já vi Lisboa a arder,  
As pedrinhas a estalar;  
Eu já vi uma menina  
Pelo seu amor chorar <sup>(3)</sup>.

E, fora do comum, esta quadra de carácter festivo, suponho que saudará o termo das Guerras Liberais:

(1) Alentejo; T. Pires, *Cantos*, I, 320, n.º 1870.

(2) Atalaia (Pinhel): *Revista Lusitana*, XI, 129, n.º 347.

(3) Minho: F. C. Pires de Lima, *Cantares*, pág. 135, n.º 100.

Já Lisboa está cercada  
De tulipas amarelas;  
Já o rei subiu ao trono,  
Já se acabaram as guerras.

O Rei seria, se a interpretação está certa, D. Pedro IV, na convicção do poeta.

\* \* \*

As linhas férreas, através de Portugal, devem ter influído nas cantigas populares, quando os combóios começaram a circular. Se êles têm aproveitamento imaginativo nas quadras actuais, hoje que a novidade passou, qual não seria a sugestão provocada na primeira hora! Tomaz Pires fixou na colectânea do folclore alentejano a nota fresca da impressão causada em Elvas pela «estrada nova, aonde passa o vapor».

E' magnífica de espontaneidade e ingenuidade a forma poética, provocada pelo acontecimento nos campos, como por certo na cidade também. Os maquinistas, que experimentam as linhas novas, dão pelos «arames» do telégrafo a notícia da viagem. De Lisboa a Portugal inteiro, e de Lisboa à Barquinha por onde a «estrada nova» passa, «já lá correm os arames».

A cantiga «já lá correm os arames» é coreográfica e usada em jôgo de roda. Começa por pergunta com resposta, e desenvolve-se em forma de leixa-pren com intenção narrativa.

— Ana, Mariana, Helena,  
Onde vais tu, meu amor?  
— Eu vou a ver a estrada nova,  
Aonde passa o vapor.

Já lá correm os arames  
De Lisboa a Portugal,  
E dizem os maquinistas:  
Esta linha não vai mal.

Esta linha não vai mal,  
Esta linha não combina,  
Já lá correm os arames  
De Lisboa à Barquinha. (1)

\* \* \*

Lisboa representa ao espírito a ideia do longe. Longe por longe, é sempre longe, tanto faz que a ausência seja por muitas ou por poucas léguas. Esta quadra significa o apartamento :

O' Lisboa, ó Lisboa,  
O' Lisboa, embarcar ;  
Coitadinho do meu bem,  
Que foi para não tornar. (2)

Um apartamento que, por o ser, a imaginação faz infinito e interminável.

O Brasil está para lá de Lisboa, é por Lisboa que parte para o Brasil a gente do Centro e do Sul. E aí temos associados na ausência, na saúde e no movimento espiritual da partida para além do mar, Lisboa e Brasil.

Adeus, que me vou embora,  
Adeus, que me quero ir,  
Numa lancha p'ra Lisboa,  
Numa nau para o Brasil.

A quadra é ainda dos tempos das naus para o Brasil. A distância relativa e a facilidade de viagem para Lisboa em contraste com a transoceânica, estão indicadas na imaginação do poeta popular : a

---

(1) *Arquivo Transtagano*, I, n.º 7, p. 118.

(2) Tomaz Pires, *Cantos*, I, 317, n.º 1851.

Lisboa chega numa lancha, para êle embarcação pequena, através do Tejo, — ao Brasil, tem de o levar a nau, barco de potência e alcance.

Não pára aqui a imaginação poética. A mulher vê partir ou sabe que vai partir o namorado; êle vai a Lisboa embarcar para a Baía. Pois bem, ela manda-lhe ladrilhar o caminho com pedras de boa esquadria, isto é, com as magnificas lages das estradas romanas e das nossas ruas de bons tempos e de bom piso <sup>(1)</sup>. A quadra é assim como no Alentejo a recolheu Tomaz Pires:

Mandei ladrilhar o Mar  
De pedras de esquadria,  
Para o Cat'rino passear  
De Lisboa para a Baía. <sup>(2)</sup>

Canta Portugal inteiro a seguinte quadra da série brasílica, relacionada com a nossa forte emigração para as terras de Santa Cruz:

Se o mar tivesse varandas,  
Ia-te ver ao Brasil,  
Mas o Mar não tem varandas,  
Diz-me, amor, por onde hei-de ir.

Compreendemos o estado de espírito que revela a cantiga. O rapaz, levado pela necessidade financeira e talvez mais pela aventura, partiu um dia para o Brasil. A rapariga enamorada, prêsa dêle como a gazela pelo deserto, pensa no emigrado lá longe, pensou sempre. Ir vê-lo? Impossível. Se pudera lá chegar caminhando as léguas separadoras, ainda o sacrifício a tentava. Sôbre o Mar, como sôbre o rio a ponte, sôbre a costa a varanda, sôbre o precipício o caminho guardado, imagina uma ponte lançada ao fôssco imenso. E exclama consigo: — Ah! Se o Mar tivesse varandas! Iria ver-te lá tão longe! Mas assim, sem

<sup>(1)</sup> Em Cambra, chamam «estrada romana» às ruas e quelhas lageadas.

<sup>(2)</sup> D. Maria Furtado de Mendonça, *Revista Lusitana*, XVI (1915), pág. 321, n.º 252, colhida na Rapa, Celorico da Beira.

varandas, que me dêem caminho, como de um extremo ao outro, sem estrada donde não cáia ao Mar, por onde hei-de ir?

Sente bem a tragédia daquela alma quem ler, devagar e de manhãzinha, quando o Sol desponta e parecemos mais sós no mundo, a quadra lancinante que cristalizou:

Diz-me, amor, por onde hei de ir.

O sr. Vieira Braga, na colectânea de quadras populares, referentes ao Brasil, que publicou recentemente na revista *Gil Vicente*, de Guimarães, e fazem parte do valioso estudo sôbre *O Culto de S. Gonçalo na Baía*, dá-nos variante curiosa do quarto verso da quadra transcrita:

.....  
E eu a pé não posso ir. (1)

Em Barcelos corre quadra, que é filha desta, a da forma geral. Há varandas sôbre o mar, imaginadas para a viagem de amores ao Brasil. Há o desengano do sonho, não desânimo de o viver. Mas fala do regresso: ir ao Brasil e voltar.

Se o Mar tivera varandas,  
Para eu ir ao Brasil e vir. . .  
Mas o Mar não tem varandas,  
Diz'-me por onde hei-de ir. (2)

Na Póvoa do Varzim a quadra virou de rumo. A rapariga iria ver o rapaz ao Pará; não tem varandas o Mar, para que ela chegue lá a são e salvo, pede-lhe que venha êle cá. Eis a solução prática da pòveira, para matar saúdades. Transcrevo a quadra do livro de Santos Graça, *O Pòveiro*:

---

(1) *Gil Vicente*, n.º 7-8, do vol. XI, Julho de 1935, em deante.  
(2) A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcelos*, pág. 99, n.º 330.

Se o Mar tivera varandas,  
 Ia-te eu vêr ao Pará;  
 Mas o Mar não tem varandas,  
 Meu amor anda tu cá. <sup>(1)</sup>

\* \* \*

Pois bem.

Na revista *Alto Minho*, editada em Viana do Castelo, aparecida em 1935, surge dum punhado florido de trinta quadras populares do Noroeste minhoto (Santa Marta, Pêrre, Outeiro e Geraz de-Lima) a variante em que o segundo verso da quadra «Se o Mar tivesse varandas», substitui Brasil por Lisboa. O sentimento não mudou. O longe, dêside que é longe, tanto monta com cem, mil, ou milhão de quilómetros. O longe aqui está em Lisboa. A quadra brasílica, evidentemente anterior, reflectiu nela a paisagem mental que revela.

Não maravilha o facto a quem esteja habituado a seriar cantigas populares, principalmente de tipo corográfico. Nesta que nos ocupa, vemos a origem da variante ou variantes. Nas outras não temos possibilidades de marcar a primeira, da qual provenham por adaptação tôdas as mais.

Aí vai a quadra, que os olisipólogos e olisipófilos gostarão de conhecer, se a não descobriam ainda na revista, que ma revelou a mim, ou na voz do povo, reveladora para êles.

Se o Mar tivesse varandas,  
 Ia-te ver a Lisboa;  
 Mas o Mar não tem varandas,  
 Quem não tem asas, não vôa. <sup>(2)</sup>

O segundo verso arrastou à rima o quarto, e modificou-o por essa razão, para lhe dar lógica.

Cardoso Marta publicou o *Folclore de Cadaval*; entre as quadras das preciosa colecção está a forma local da quadra do *Alto Minho*:

<sup>(1)</sup> Santos Graça. *O Pòveiro*, Póvoa do Varzim, 1952, pág. 195.

<sup>(2)</sup> *Alto Minho*, n.º 2, pág. 50, n.º XVIII. J. Pires de Lima e F. Pires de Lima, *Tradições Pop. de Entre-Douro-e-Minho*, pág. 88.

Se o Mar tivesse varandas,  
Fôra t'ê vêr a Lisboa;  
Com'ó Mar nam têm varandas,  
Sim asas ninguêim avôa. (1)

F. C. Pires de Lima recolheu em *Cantares do Minho* (2) a mesma forma da cantiga, como A. C. Pires de Lima em Santo Tirso (3), Afonso do Paço em Viana do Castelo (4), e Santos Graça em *O Pòveiro*; (5) Tomaz Pires recolheu-a também nos *Cantos populares*, e atribuiu-a a Trás-os-Montes. (6)

Tomaz Pires dá-nos variante alentejana, com esta forma :

Se o Mar tivesse estradas,  
Ia-te ver a Lisboa;  
Mas o Mar não tem 'stradas,  
E sem asas ninguém vôa. (7)

E em Viana do Castelo canta-se esta quadra, que principia como o modelo, e varia no segundo verso para repetir no terceiro o segundo do modelo e levar o quarto à rima ideológica do verso novo da quadra modificada :

*Se o Mar tivera varandas,*  
Como tem embarcações,  
*Ia-te vêr a Lisboa,*  
Em certas ocasiões. (8)

Outra, que Tomaz Pires diz do Alentejo, serve de variante mais longínqua; só o primeiro verso apresenta identidade, embora tenha

(1) Cardoso Marta, *Folclore de Cadaval*, Espozende, 1954, pág. 8, n.º 11.

(2) *Cantares do Minho*, Barcelos, 1937, pág. 13, n.º 28.

(3) *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 307, n.º 57.

(4) *Cancioneiro de Viana do Castelo*, Braga, 1928, pág. 243, n.º 1350.

(5) *O Pòveiro*, Póvoa de Varzim, 1932, pág. 195.

(6) *Cantos populares*, I, 542, n.º 2002.

(7) *Cantos populares*, I, 541, n.º 2000.

(8) *Cancioneiro de Viana do Castelo*, pág. 243, n.º 1329.

janelas onde a quadra modêlo tem varandas, e devamos lembrar a citada variante, alentejana também, que tem estradas por varandas; todavia, não pode negar-se a influência primordial do tipo:

*Se o Mar tivesse janelas  
Como tem embarcações,  
Nem Lisboa me ganhava  
Em certas ocasiões. (1)*

Podemos aproximá-la da variante de Viana do Castelo, cujos segundo e quarto versos, isto é precisamente os variados, são comuns, e na mesma disposição, aos desta do Alentejo, ambas claramente alusivas a Lisboa. Esta alusão comum confirma uma vez mais a legitimidade de incluir a última na mesma família folclórica.

\* \* \*

Outro caso de reflexo folclórico está na aplicação da quadra alentejana, ideológica do clima da província além do Tejo, à paisagem de Lisboa.

O alentejano usa o grande chapeirão abado, que o protege da violência do sol. O pastor da charneca, vestido de peles de ovelha, o «pelico» ou a «pelica», e as pernas protegidas pelos «safões», igualmente de pele, tem por complemento indumentário o chapéu de grande roda. Assim preparado, e com a manta listrada ao ombro, é de facto a personagem própria e simbólica da região imensa, que vai dia a dia calcorreando com o rebanho.

Para a ligação do homem à terra ser mais perfeita, o pastor alentejano, se por fora veste peles, por dentro, na alma, traz cantigas que reflectem a paisagem e a vida no ermo; e as obras de engenho manual, que constituem a bela e sugestiva «arte pastoril», aproveitam o material à mão. Cortiça, um bocado de buxo, aloendro ou osso, o chifre do boi do matadouro, bastam para o pastor fazer obras de arte. Não faz églogas para chorar amores com os colegas; mas nem por isso

(1) T. Pires, *Cantos*, I, 341, n.º 1999.

deixa de ser poeta no passar o espírito, ora delicado, ora violento, simples e infantil, ou complicado e com fumos de filósofo, para a matéria rude dos utensílios que manufactura.

O Alentejo quente e de pouca sombra, porque a terra é pouca para o trigo, e as árvores são ladras para o solo, está simbolizado à maravilha nos dois versos da quadra ilustrativa:

No Alentejo não há sombra,  
Senão a que vem do céu.

Quando as nuvens toldam o sol, a sombra estende largo descanso de luz aos olhos e de calor aos nervos.

Mas a quadra vira como o vento, completando-se com ironia e galanteio:

Assente-se aqui, menina,  
A' sombra do meu chapéu.

No folclore provincial há destas cantigas esquemáticas, que definem geográficamente o homem e o meio. Esta é delas. Num museu etnográfico, onde pudessem com sofrível espaço desenvolver-se paralelamente a arte material do povo e a manifestação folclórica da sua vida espiritual, esta quadra definia com justeza o Alentejo.

\* \* \*

Outras formas da mesma quadra:

Alentejo não tem sombra  
Senão a que vem do céu;  
Abrigue-se aqui, menina,  
Debaixo do meu chapéu. (1)

Assenta-te aqui, menina,  
À sombra do meu chapéu;

(1) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 52, n.º 160.

O Alentejo não tem sombra  
Senão a que vem do céu. <sup>(1)</sup>

Almocreve não tem sombra  
Senão a que cai do céu ;  
Assenta-te aqui, menina,  
À sombra do meu chapéu. <sup>(2)</sup>

Quero reunir-lhes duas quadras mais, também alusivas ao chapéu e ao resguardo que êle oferece, uma alentejana, outra duriense, consoante à origem anotada por Tomaz Pires :

As abas do meu chapéu  
Deitam água sem chover ;  
Deixaste-me a mim por outra,  
Inda te hás de arrepender. <sup>(3)</sup>

Ó meu amor, dá-me um lenço,  
Ou compra-me um chapéu,  
Que eu já não posso aturar  
O calor que vem do céu. <sup>(4)</sup>

Esta segunda, colhida no Douro, não terá influência da quadra alentejana?

\* \* \*

Agora vamos a terras altas, de feição diferente da do Alentejo, e para cujos habitantes o clima alentejano se confunde com todo o clima do sul de Portugal. Alguém que da Beira Trasmontana viesse a Lisboa, aproveitando para a vinda a época de verão, em ano de calor intenso, notaria logo na cidade a falta de sombras. Quem viesse, viria trabalhar, talvez, ou cumprir missão que levasse a andar ao sol. Saía

<sup>(1)</sup> T. Pires, *Cantos*, I, 229, n.º 1329.

<sup>(2)</sup> T. Pires, *Cantos*, I, 229, n.º 1350.

<sup>(3)</sup> T. Pires, *Cantos*, III, 115, n.º 5675.

<sup>(4)</sup> T. Pires, *Cantos*, III, 26, n.º 5149.

de Lisboa, por essas estradas, por êsses campos fora, de trabalho ou em caminhada, e mal via árvore a que se acolhesse. As árvores desertaram.

Conhecia a cantiga alentejana. Ouvira a nas ceifas, por exemplo, como centenas dos «ratinhos» que descem à charneca do sul. Ouvira-a e provara-a.

E se não topou em Lisboa com a estepe ou coisa parecida, sentiu a fôrça do calor e a falta da sombra. O chapéu grande também o não viu; o saloio põe na cabeça a carapuça ou barrete, que derruba ao lado, e lhe não dá sombra. Pois, a-pesar-de tudo o dessemelhante, e aproveitando a sugestão das semelhanças, surge a cantiga alentejana daquela quadra, aplicada inteirinha a Lisboa. Então a quadra alcança não só o Alentejo, mas igualmente tôdas as regiões do sul de Portugal, menos arborizadas e mais aquecidas. Ouçamos o cantor:

Em Lisboa não há sombra,  
Senão a que vem do céu;  
Assente-se aqui, menina,  
À sombra do meu chapéu.

Foi colhida por Monteiro do Amaral em Atalaia, de Pinhel. (1)

\* \* \*

São de vária procedência as quadras, que êstes comentários reüniram. De que idade elas vêm, não desinteressa conhecê-lo, para observação e complemento das notas que nos ofereceu. Não é difícil reconhecer que do século XVIII são poucas; muitas o assunto elucida, provêm do século XIX, e outras, a forma e a sensibilidade nos indicam como actuais ou de um momento tão próximo em tudo, que por actuais as tomamos.

Colhidas das vozes do povo, essas cantigas, velhas e modernas, mantêm no sentimento popular, que lhes dá fogo de inspiração e vida de alma, a realidade das coisas. Por isso nos servem para as apreciações formuladas.

Agôsto de 1938.

(1) *Revista Lusitana*, XII, 1929, pág. 296, n.º 32.

# A IGREJA E O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, DE LISBOA (\*)

Palestra elucidativa feita aos sócios do Grupo «Amigos de Lisboa»,  
a quando da sua visita no domingo de Pascoela (24 de Abril) de 1938

POR MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

## I

**V**AI em oito séculos que, em dia de S. Crispim e S. Crispiniano, el-Rei D. Afonso Henriques levou de vencida os mouros da apeteçada Axbuna, após longo e terrível assédio, graças à cooperação de cruzados nortenhos.

A cidade mourisca, quanto à área, se a compararmos à Lisboa de hoje, era verdadeiro cotumiço; pouco excedia o que vai da Sé ao Castelo. Circundada por fortes muralhas, transbordava para um arrabalde viçoso que se estendia para norte. Tudo o mais era campo primorosamente aproveitado para a rude e incerta faina agrícola.

Os cristãos sitiados, como é óbvio, assentaram arralais nos pontos donde, com maior segurança e melhor estratégia, pudessem investir a praça.

No sítio onde hoje se ergue este grande templo, mais palmo menos palmo, diz a tradição terem estado as tendas dos homens, que foram

---

(\*) Por conveniências de paginação as notas vão no fim.

cabouqueiros e operários duma realidade, que, ao tempo, era já aspiração antiga — Portugal.

Aqui teria sido o arraial del Rei D. Afonso Henriques.  
 ¡ Venerável e bem-dito lugar !

\* \* \*

Nesse mesmo ano de 1147, talvez ainda durante o cêrco, à extrema do arrabalde, para as bandas do Almocavar, alguns eremitas agostinianos — ¿ quem sabe se viriam encorporados nas hostes cristãs ? — fundaram o primeiro cenóbio que a Ordem teve em Portugal.

Ficava nas faldas do escarpado monte de S. Gens, pouco mais ou menos onde está agora a rua do Terreirinho.

O convento medrou, diz-se que sob o patrocínio do santo bispo da Lisboa visigótica.

Sessenta e tal anos passados, certa dona — Suzana de nome — que era proprietária do monte e de todo seu distrito, por devoção com Santo Agostinho ou por afeição a seus eremitas, doou-lhes a sua fazenda. E o convento foi transferido das raízes da elevação para o pequeno planalto que lhe ficava a cavaleiro, desta feita sob a invocação do grande bispo de Hipona.

Corria o ano de 1245. Contra o que seria de esperar, não tardou muito em verificar-se que o sítio não era acomodado para estabelecimento definitivo do convento, porque era desabrido, acanhado e falto de outros requisitos apetecíveis.

Por isso, vinte-oito anos depois, em 1271, porque o povo de Lisboa houvesse doado aos frades negros êste vasto planalto de Almofala, se começou a edificar o terceiro convento dos eremitas. O «Bolonhês» ajudou muito as obras, e em breves anos se terminaram desafogadas instalações para 50 religiosos, instalações que ficavam místicas com uma linda igreja ogival, consagrada a Santo Agostinho.

Em princípios do século XIV o oitavo geral da Ordem dos Augustinianos, frei Francisco do Monte Rubiano, em cumprimento e satisfação de voto que fizera em Roma, em nome de todo seu rebanho, deante da imagem de Nossa Senhora do Pópulo, mandou que muitos conventos

fossem consagrados à Mãe de Deus. Um dêles foi o de Santo Agostinho de Lisboa, segundo patente datada de 3 de março de 1305.

Desde então o convento passou a ter a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Parece, porém, que não havia imagem do orago, porque a História remonta a sua origem apenas ao reinado de D. Pedro I.

Na manhã de 14 de agosto de 1362, uns pescadores de Cascais andavam em sua dura labuta e, como já tivessem recolhido bastante peixe, lembrados de que se estava na vigília da Assunção de Nossa Senhora, deliberaram tornar a lançar as redes com ânimo de destinarem a colheita à Virgem Maria.

Foi dito e feito. Mas, ao levantar da armação, notaram um corpo estranho, que vinha prêso, pela banda de fora, a uma das malhas da rede. Afirmaram-se e verificaram tratar-se de linda imagem de Nossa Senhora da Graça, com o Menino Jesus nos braços. Era encantadora, não tinha a menor imperfeição e a água salgada, molhando-a, longe de prejudicá-la, avivava-lhe as côres de modo que parecia resplandecer. Vieram para terra, e a notícia do prodígio correu célere. Logo acorreu gente como por feitiço e todos se puseram a congeminar àcerca do destino que a imagem deveria ter.

Havia quem opinasse que se lhe deveria levantar adrede uma capelinha ali, junto da praia, nas arribas da costa cascareja.

Outros, pelo contrário, entendiam que não — que deveria ser levada para qualquer igreja do contôrno.

Alguns ainda propendiam para que se lhe desse outro destino.

É de ver que neste dize tu direi eu não havia forma de chegar-se a acôrdo, nem a qualquer resultado prático.

Estavam os ânimos em vias de se azedarem — já a ira fuzilava nos olhares dêste ou daquele mais assomadiços — quando novo prodígio se operou.

Uma criancinha de peito (filha de um dos pescadores da companhia) que estava dormitando nos braços da mãe, exclamou milagrosamente: *Esta Senhora quere que a levem ao Mosteiro de seus frades.*

A altercação e o reboliço cessaram como por encanto. Não podia duvidar-se de que o Céu falára pela bôca daquele tudonadisca de gente. De idêntico parecer foi um ermitão que andava misturado no povo.

Fôra a própria Virgem quem expressara Sua vontade, valendo-Se da bôca daquela inocentinha de menos de meio ano. Havia, pois, que obedecer à determinação celestial.

E assim se fez.

No dia seguinte, 15 de agosto — dia de Santa Maria — meteram pés a caminho, muito cedo, e só pararam aqui, onde entregaram procesionalmente aos eremitas agustinianos a santa e milagrosa imagem de seu orago. E quando Nossa Senhora da Graça transpôs a vez primeira os umbrais da igreja de seu convento, o sol, prestes a desaparecer nas águas do Oceano, enrubescia o horizonte e realçava o admirável panorama que daqui se disfrutava.

Quando, em 1375, D. Fernando fez nova cêrca para defesa da capital de seu reino, o convento foi cingido por ela por três dos pontos cardiais. Só pela banda do sul ficou liberto.

A casa dos gracianos, já por êsse tempo, era viveiro de varões piedosos e sábios, alguns tam doutos como frei Afonso de Portugal e frei Bento de Lisboa, que leram teologia nas Escolas Gerais lisboetas, como frei Agostinho Belo, que foi seu primeiro lente de filosofia e morreu reitor da Universidade das Portas da Cruz, e como o célebre frei João da Madalena, que estudou em Perúsia e foi mestre do malogrado príncipe D. Afonso e tam da confiança de D. João II — que foi deputado a Aragão para concluir o casamento de seu discípulo com a princesa Dona Isabel.

Mas o tempo foi andando e com seu andar foi gastando o edificio e fazendo esboroar pouco a pouco a moral dos homens.

Quando D. João III foi levantado Rei tudo estava a pedir reforma como pão para a boca.

Todavia, só muito entrado o seu reinado se proporcionou ao Piedoso ensejo de fazê-lo.

Veio de Castela, para tanto, um frade agostinho, o venerável Padre frei Luiz de Montoya, cujas virtudes e acções sobrelevaram em muito os milhares de páginas escritas e impressas em sua honra.

Sob a direcção dessa grande figura quinhentista o convento atinje o fastígio do esplendor. Aumenta nas almas o zêlo, atea-se nelas novo fervor e, para que a reforma seja profunda em tudo, até se levanta nova igreja, visto que a antiga ameaçava ruina.

A tudo acode a providência e a piedade de frei Luiz de Montoya.

E a 9 de março de 1556, o deão da Capela Real e esmoler-mór del-Rei, D. frei António Brandão (outros o dizem Ambrósio), bispo de Rociona e graciano de hábito, benzeu a primeira pedra. Nove anos se consumiram na construção do novo templo, que tinha a particularidade de assentar sôbre poucos ou nenhuns alicerces. Ao propósito, os mestres, que intervínham na construção, assediavam a frei Luiz diligenciando fazer-lhe ver a impossibilidade de tam fracos fundamentos sustentarem tanta obra, mas o insigne vigário geral retrucava-lhes sempre o mesmo:

— ¡Eu lhos porei a seu tempo!

E quando se ultimou a fábrica de tudo, o venerável frei Luiz de Montoya foi-se à última cimalha e encheu-a de cruces. ¡Eram elas os fortes alicerces que êle prometera pôr!

A nova igreja de Nossa Senhora da Graça ficava sendo das melhores do país. Tinha três amplas naves, mas como de cada lado lhe corria paralela sua enfiada de capelas, quem estivesse a meio do templo tinha perfeita ilusão da existência de cinco naves. A abóbada era de laçaria, como a dos Jerónimos e a da Misericórdia, e as paredes eram forradas de azulejos de alto a baixo.

Com a magnificência do novo templo corria parilhas, se é que não lhe levava a palma, o esplendor das virtudes dos gracianos.

A acção de frei Luiz de Montoya neste campo foi admirável, dentro e fora do convento.

Bastará referir os nomes dos três filhos — Diogo, Cosme e Tomé — do tesoureiro-mór del-Rei D. João III, Fernão Álvares de Andrade, todos três seus discípulos.

O primeiro — Diogo Paiva de Andrade — foi dos maiores teólogos de seu tempo e ilustrou seu nome e o de Portugal, no concílio de Trento. Foi sepultado nesta igreja, na antiga capela de S. Nicolau de Tolentino (1). De sua jazida resta apenas a lápide sepulcral, deslocada de seu lugar e embebida na parede de certa dependência confinante da capela do Santíssimo.

O segundo professou neste convento e tomou o nome de frei Cosme da Apresentação. Foi teólogo de tal fama que o geral da Ordem, frei Cristóvão de Pádua o chamou a Roma a-fim-de acompanhar frei

Agostinho de Castro em sua ida a Alemanha investido de poderês para reformar os conventos agustinianos. Morreu, porém, em Bolonha, com 36 anos, quando ia de jornada.

O terceiro, Tomé Paiva de Andrade, também aqui tomou hábito e foi depois exemplo vivo da caridade cristã. Cativo na malograda batalha de Alcácer, sua acção a prol dos companheiros de infortúnio foi verdadeiro delírio de abnegação, de renúncia e de misericórdia. Deu provas de seu coração pulsar a-de-dentro dum oceano de amor e de sua alma estar possuída da mais fervorosa piedade. Foi frei Luiz de Montoya o escultor privilegiado da alma do Venerável frei Tomé de Jesus, o humilíssimo autor dos «Trabalhos de Jesus», obra que, no dizer de alguém, «será eterno monumento de piedade cristã e padrão inconfundível da suavidade e da opulência da língua portuguesa».

Não foram, porém, só êsses três que deram lustre e imortalizaram o período áureo dos gracianos, de certo modo, obra del-Rei D. João III.

Houve mais; muitos mais. Tantos que seria um nunca acabar se fôsse a referi-los todos.

Mas seria pecado de lesa-pátria se não citasse a D. frei Agostinho de Castro e a D. frei Aleixo de Meneses.

Ambos acabaram seus dias arcebispos-primazes.

O primeiro grangeou tal conceito que foi enviado a Roma como definidor ao capítulo geral da Ordem. E tal conta deu de si que o Papa — Gregório XIII — o nomeou, como já disse, provincial e vigário geral da Alemanha do Norte para nessa qualidade visitar e reformar as casas dos agostinhos, nas quais a heresia fizera grandes estragos. Com tanta prudência se houve no desempenho de tam espinhoso encargo que o imperador Rodolfo fê-lo seu pregador e Filipe II o mandou apaziguar as discórdias lavrantes entre os eremitas de Aragão, fiando a resolução do assunto de sua madura capacidade. Por fim foi preconizado arcebispo de Braga e aqui, nesta igreja, sagrado pelo metropolitano de Lisboa, D. Miguel de Castro, no dia 3 de janeiro de 1589.

D. frei Aleixo de Meneses foi capitão da milícia dos eremitas de Santo Agostinho no Oriente. A sua acção como arcebispo de Goa foi memorável e mereceu fama imperecível a forma por que se houve na redução dos cristãos do Malabar à Fé Católica.

Transferido para Braga, onde sucedeu a D. frei Agostinho de

Castro, aí continuou seu apostolado gastando tudo que tinha com os pobres, cedendo até as roupas da própria cama e as louças de sua mesa para casamentos de filhas de viúvas.

Nos séculos xvii e xviii novas obras se fizeram na igreja, mais tendentes, porém, para a sumptuosidade que para a beleza. É que o convento dos graciosos era então o mais rico de quantos havia em Lisboa.

Chegamos a 1755.

Na manhã do dia de Todos-os-Santos a comunidade estava no côro cantando terça à qual se devia seguir a missa conventual.

Quási a meio do segundo salmo, quando a quadratura levantava o versículo *Defectio tenuit me, pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam*, começou de ouvir-se um ruído formidável e as paredes do templo entraram de abanar como canavial açoitado por furacão apavorante. Os graciosos tomados de pânico fugiram espavoridos. Mal teriam tempo de ir a meio do ante-côro quando a fachada ruiu com estrépito medonho e arrastou na queda o sobrado do próprio côro. Foi tamanha a violência que o Crucifixo da teia se fez em pedaços ao cair no chão indo parar a cabeça da imagem ao pé do altar-mór, disparada com velocidade meteórica. Depois desabou a abóbada da capela-mór e por fim, a do cruzeiro, falta de apoios, também deu consigo em terra.

Só ficaram de pé as paredes que não tinham fundamentos apreciáveis e na sua cimalha ficou intacta a fileira de cruces — jalicerces celestiais! — que frei Luiz de Montoya lá pusera para as consolidar!

Em poucos minutos a grandiosa fábrica da igreja dos eremitas agustinianos de Nossa Senhora da Graça era montão de destroços, jera ruína pegada!

Preciosidades sem conto se perderam e nos escombros ficaram sepultados alguns fieis e dois frades que estavam no tribunal da penitência — o Padre-mestre frei Marcos de Santo António e o definidor frei Alberto de Brito.

Dez anos depois — a 2 de novembro de 1765 — foi lançada a primeira pedra para a reconstrução. E passados sete anos estava o casco principal da igreja reconstruído, podendo celebrar-se nela os officios divinos.

(Continua no próximo número)

# CRÓNICA

POR LUIZ MOITA

É já um lugar comum chamar à Praça do Rossio a sala de visitas de Lisboa. Concedâmos que todo o vasto recinto tem hoje, efectivamente, o caracter peculiar a uma capital. Mas é talvez o pombalino, beliscado aqui e ali por incómoda alteração, é o Arco-Bandeira, serão mesmo os dois «pastiches» do Teatro Nacional e da estátua de D. Pedro, que ao local dão uma presença, um estilo nitidamente lisboeta, como não é possível encontrar em outra parte. O Rossio, a Praça do Rossio, que o povo, com instinto seguro, nunca chamou a Praça de D. Pedro, desprende da sua perspectiva, do recorte regular dos seus prédios e janelas, sobretudo quando se vem de fora, quando se vem do norte, uma serena e cariciosa amabilidade, que eu só comparo ao conforto do lar, depois de um dia de trabalho. A Praça do Rossio, nesses momentos, quando no ar tem seu quê de amigo, e nos trata por tu, e nos acolhe com sua graça alfacinha, — é o local de privilégio de Lisboa, o lugar-bruxo que nos sabe sempre bem atravessar, mesmo sem pretexto aparente, sem necessidade.

Pincelada à noite, em suas mansardas, pelo vermelho, o azul, o verde luminoso dos tubos *neon*, dir-se-ia que a Praça do Rossio, escovada e moderna, ganha outro caracter. Os novos estabelecimentos e cafés, decorados por uma publicidade bela, desenhados por luz sapiente,

colorida e bem distribuída, como que surgem transformando o estilo, o caracter antigo, imprimindo a sua nota internacional. Lá está, efectivamente, nos interiores das lojas o confôrto moderno e luxuoso, as linhas ousadas, o cosmopolitismo apetecido pela civilização actual. Mas não. Muito embora a instalação de todo êsse cenário venha pintalgando lojas e telhados, o Rossio resiste, permanece pombalino, reserva-nos sempre a sua serenidade cariciosa. O seu estilo guarda sempre o segredo que nele adivinhamos, sem o desvendar.

O Rossio só me confrange uma vez por ano, justamente na época que atravessamos, quando em contraste com a sua *toilette* cada vez mais cuidada, ali tomba, em vésperas do Natal, a ronda soturna, o rosário deselegante e miserável dos vendedores de brinquedos «a dez tostões». É ver essa longa fila de homens e mulheres, aconchegadinhos uns aos outros, atrás de caixotes, ripas e cestos os mais heterogêneos, expondo à luz do acetilene seus mostruários segundo as fantasias mais desgraciosas, ou exhibindo tôda a quinquilharia a trouxe-mouxe, a celuloide e a lata colorida, combóios, rocas, automóveis, bonecos, apitos, tudo pequenino e modesto, produto duma indústria sem aspirações nem exigências.

E tudo, tudo a dez tostões.

A exhibição, assim em catadupa, de brinquedos tão excessivamente populares, já põe certa nota de contraste, impressionante, ao longo da bela Praça do Rossio. Dir-se-ia que o Poço do Borratem e o Marquês do Alegrete, revoltados, para ali houvessem transferido sua fazenda. Mas o pior é que os caixeiros e caixeiras dêsse longo e serpeado estabelecimento de acaso, o balcão dos caixotes, deselegante e triste, — tudo imprime às bujigangas uma nota confrangedora, uma angústia que não dá ao transeunte o apetecimento de comprar.

Lisboa, a bela, não perdeu ainda, no pormenor do seu toucado, um certo desprendimento, um descuido peculiar que vive paredes meias com o desleixo. Um pouco mais e esta cidade constituiria o burgo mais aprazível da Europa do Sul.

Já a venda de flores que no Rossio, em volta dos lagos, se estende a quási todo o ano, não é feita com aquele cuidado e atracção que tornaria o local mercado de privilégio. Imagino a quermesse colorida que em si mesma contém material de substância para lindos arranjos decorativos, coisa bem diversa do que habitualmente ali vemos em guisa

de prateleiras com flores. Porém, ao menos, êsses mostruários têm na sua modéstia uma compostura decente. Os caixotes de brinquedos do Natal, instalação de acaso, invasão abrupta e inestética duma qualidade menos qualificada, isso é que já nem sequer obedece ao menor espírito de compostura ou de beleza, em atenção à magestosa Praça do Rossio. . .

¿E' a solicitação duma venda mais avultada de brinquedos de lata, a dez tostões, que estimula a avalanche de vendilhões, de suas miseráveis lojas de ripados, para o centro, o entroncamento da nossa capital?

¿Porque não submeter tudo e todos, nesse caso, ao *estilo* do local, retocando o conjunto em prévio toucado, compondo o cenário num traçado harmónico, numa disposição desafogada? Os brinquedos de dez tostões estimulariam as crianças, a sua graça, vendidos em pequeninos basares graciosos e frescos em vez de se postarem no Rossio gemendo fados, os fados da Mouraria. . . E o Rossio não seria conspurcado pelo espectáculo da véspera do Natal, confrangedor, verso da página da iluminura lisboeta. . .

¿Pois isto não seria exequível, sem grandes despesas, sob a batuta da Câmara, apenas com um pedacito de esforço de conjunto?

¿Ou Lisboa estará condenada a cantar o fado pelos tempos além?

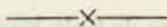
||

OLISEIRO — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS  
DE LISBOA» ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1938

---

SECÇÃO DE ESTUDOS CULTURAIS E DE PROPAGANDA



VISITAS DE ESTUDO

- 25 de Outubro de 1936 — Visita ao Castelo de S. Jorge, comemorando a tomada de Lisboa aos mouros, dirigida pelo Eng. Augusto Vieira da Silva.
- 13 de Dezembro de 1936 — Visita à Sé de Lisboa, dirigida pelo architecto António Couto.
- 14 de Fevereiro de 1937 — Visitas à Igreja de Santa Maria Madalena e à Igreja da Conceição Velha, dirigidas, respectivamente, por Luiz Pastor de Macedo e por Mário de Sampayo Ribeiro.
- 14 de Março de 1937 — Visita à Igreja de S. Vicente de Fora, dirigida por Norberto de Araújo.
- 2 de Maio de 1937 — Visita às Ruínas do Carmo, dirigida pelo Dr. Eduardo Neves.
- 20 de Junho de 1937 — Visita ao Aqueduto das Águas Livres, dirigida por Gustavo de Matos Sequeira.
- 4 de Julho de 1937 — Visita à Ermida de Santo Amaro, dirigida por Luiz Moita.
- 10 de Outubro de 1937 — Visita ao Palácio Nacional da Ajuda, dirigida pelo Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal.
- 25 de Outubro de 1937 — Visita à capela de S. Crispim e S. Crispiniano, comemorativa da tomada de Lisboa aos mouros. Direcção de Gustavo de Matos Sequeira.
- 5 de Dezembro de 1937 — Repetição da visita à Igreja de S. Vicente de Fora, dirigida por Norberto de Araújo.
- 24 de Abril de 1938 — Visita à Igreja da Graça e ao antigo convento anexo, dirigida por Mário de Sampayo Ribeiro.
- 22 e 29 de Maio, e 5 de Junho de 1938 — Visitas, por turnos, ao Instituto de Oncologia, dirigidas pelo Prof. Dr. Francisco Gentil.

## 60 OLISIPO — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»

- 5 de Junho de 1938 — Visita à Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, ao antigo convento anexo e ao miradouro do depósito da Companhia das Águas. Direcção do Dr. Eduardo Neves.
- 12 e 19 de Junho de 1938 — Visita, por turnos, ao Museu Nacional de Arte Antiga, dirigida pelo seu Director, Dr. João Couto.
- 26 de Junho de 1938 — Visita ao Hospital de S. José, dirigida pelo Dr. Alberto Mac-Bride.
- 23 de Outubro de 1938 — Visita ao Castelo de S. Jorge, em comemoração do aniversário da sua tomada aos mouros, dirigida por Gustavo de Matos Sequeira.
- 20 de Novembro de 1938 — Visita à Igreja de S. Estêvão e ermida do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora dos Remédios e dos Pescadores, em Alfama, dirigida por António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 18 de Dezembro de 1938 — Visita à Escola Médica, dirigida pelo Dr. Eduardo Neves.

### EVOCAÇÕES

- 26 de Dezembro de 1936 — Evocação do Café Martinho.
- 17 de Abril de 1937 — Noite de evocação do «Leão de Ouro».

### CONFERÊNCIAS AO AR LIVRE

- 17 de Julho de 1938 — Por Luiz Pastor de Macedo, no Largo de Santa Justa, sob o tema: *A Baixa Pombalina*.
- 24 de Julho de 1938 — Por Norberto de Araújo, na esplanada de S. Pedro de Alcântara, sob o tema: *O Bairro Alto de S. Roque*.
- 31 de Julho de 1938 — Por Gustavo de Matos Sequeira, no Largo do Carmo, sob o tema: *O Carmo e a Trindade*.

### CONFERÊNCIAS NA SEDE

- 7 de Dezembro de 1938 — Pelo Conselheiro Sr. José Fernando de Sousa, sob o tema: *As comunicações de Lisboa*.

### LÁPIDAS COMEMORATIVAS

- 6 de Março de 1938 — Aposição duma lápida no edificio do antigo Liceu do Carmo, actual secção masculina do Liceu Passos Manuel, comemorando a fundação dos *Estudos Gerais* pelo Rei D. Diniz, naquele local, e conferência demonstrativa por Gustavo de Matos Sequeira, no ginásio daquele Liceu.

EDIÇÕES DO GRUPO

- «Evocação do Café Martinho».
- «Noite de evocação do «Leão de Ouro».
- «Pequena monografia de S. Vicente».
- «Urbanização de Lisboa».
- «Olisipo», n.º 1, 2, 3 e 4.
- «Lisboa de Outrora», 1.º e 2.º volumes.
- «Ermida de Santo Amaro».
- «Ruínas do Carmo», separata de *Olisipo*.
- «Igreja da Penha de França», separata de *Olisipo*.
- «Igreja da Conceição Velha», separata de *Olisipo*.

EDIÇÕES PATROCINADAS PELO GRUPO

«Lisboa—da sua vida e da sua belesa», pelo Eng. José Perry de Sousa Gomes.



*SECÇÃO DE ESTUDOS DE ESTÉTICA E URBANIZAÇÃO*

EXPOSIÇÕES

23 de Janeiro de 1938 — Exposição entregue ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal sôbre a «Urbanização de Lisboa».



## AMIGOS DE LISBOA

### LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DURANTE O SEGUNDO SEMESTRE DE 1938

- 611 — Joaquim Martins Ruas, empregado bancário
- 612 — Bernardo Jorge Freire, advogado
- 613 — José Maria Caeiro de Almeida, aspirante da Administração do 4.º Bairro
- 614 — Daniel Vaz da Fonseca Aboim, Oficial do Exército
- 615 — Abílio Madeira Andrade, advogado
- 616 — Colégio Vasco da Gama
- 617 — António de Sousa Vinagre, corretor oficial da Bôlsa de Mercadorias
- 618 — Dr. José Alvelos, chefe de Serviço do Secretariado da Propaganda Nacional
- 619 — José Mendes Roberto, empregado de escritório
- 620 — João Boto de Carvalho, advogado
- 621 — António Alberto Marinho, capitalista
- 622 — Alberto Ferreira de Matos, empregado de escritório
- 623 — Manuel Martins Monteiro, empregado de escritório
- 624 — Manuel Carlos de Freitas Alzina, proprietário
- 625 — Barão de Saavedra, banqueiro
- 626 — Georgino da Nova, engenheiro
- 627 — Joaquim Raúl da Silva Pereira, comerciante
- 628 — Fernando Aguiar Rodrigues, estudante
- 629 — D. Luiza Adelaide de Sommer Alzina
- 630 — Dom José de Castro, pintor de Artes Decorativas
- 631 — José dos Anjos Gaspar Borges, prior da Freguesia de Santa Engrácia
- 632 — Guilherme Frederico Dinjer, intérprete
- 633 — Raimundo Caldeira Alves, empregado no comércio
- 634 — Mário Jaime Loureiro Ferreira, agrônomo
- 635 — Grémio dos Lisboetas
- 636 — João Alçada Azêdo, empregado comercial
- 637 — Luiz Aníbal Valente de Almeida, engenheiro agrônomo
- 638 — Carlos da Silva Magalhães, funcionário público
- 639 — António Pimentel Valente, empregado de escritório
- 640 — Eduardo de Araújo Coelho, médico
- 641 — José António Marques, advogado

- 642 — João Emauz Leite Ribeiro, advogado  
 643 — D. Valentina Roldan Dourado  
 644 — António Alfaia de Carvalho, comerciante  
 645 — D. Berta Ortigão Ramos  
 646 — António Paula Lopes, comerciante  
 647 — Rui Enes Ulrich, advogado  
 648 — Manuel Vicente Moreira, médico  
 649 — Alberto do Espírito Santo, ajudante do despachante oficial  
 650 — Luiz Gorjão Henriques, proprietário  
 651 — Reinaldo dos Santos, médico  
 652 — José Antunes Videira, advogado  
 653 — D. Maria Luiza Teixeira  
 654 — Rui d'Andrade, proprietário  
 655 — Tertuliano Pratas, chefe de Secção dos Caminhos de Ferro do Estado  
 656 — Maria Celeste de Sousa Ferreira  
 657 — Francisco José Victorino Gomes, empregado no comércio  
 658 — Carlos Augusto Lopes, guarda de polícia  
 659 — Fernando Vilhena de Vasconcelos, médico  
 660 — Francisco M. Gentil, médico  
 661 — Eduardo Correia de Barros, proprietário  
 662 — José Colaço Anjos, guarda-livros  
 663 — Manuel Luiz Alves Diniz, comerciante  
 664 — Henrique Cesário Nunes de Carvalho, chefe das C.<sup>as</sup> Reünidas Gás e Electricidade  
 665 — Alain Goldie, engenheiro  
 666 — Oscar de Freitas, oficial do Exército  
 667 — Júlio Cayola, jornalista  
 668 — Campos Coelho, advogado  
 669 — Henrique Marques Júnior, funcionário público  
 670 — Dr. Cândido Sotto-Mayor, banqueiro

### RESUMO, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS APROVADOS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 1938

Advogados . . . . .	9	Comerciantes . . . . .	4
Ajudantes de Despachantes Oficiais . . . . .	1	Correctores officiais . . . . .	1
Aspirantes de Administrações . . . . .	1	Empregados bancários . . . . .	1
Banqueiros . . . . .	2	Empregados dos Caminhos de Ferro . . . . .	1
Capitalistas . . . . .	1	Empregados no comércio . . . . .	3
Chefes de Laboratório . . . . .	1	Empregados de escritório . . . . .	4

Engenheiros . . . . .	4	Interpretes . . . . .	1
Estudantes . . . . .	1	Jornalistas . . . . .	1
Funcionários públicos . . . . .	2	Médicos . . . . .	5
Guarda Livros . . . . .	1	Oficiais do Exército . . . . .	2
Guardas de polícia . . . . .	1	Proprietários . . . . .	4

### RESUMO GERAL, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS ACTUAIS DO GRUPO

Advogados . . . . .	40	Escritores . . . . .	2
Agentes de publicidade . . . . .	2	Escultores . . . . .	3
Agentes técnicos de engenharia . . . . .	1	Estudantes . . . . .	12
Ajudantes de Despachantes Oficiais . . . . .	1	Farmacêuticos . . . . .	5
Arquitectos . . . . .	9	Funcionários públicos . . . . .	32
Artistas teatrais . . . . .	6	Guarda-livros . . . . .	6
Aspirantes de Administrações . . . . .	1	Guardas de polícia . . . . .	1
Banqueiros . . . . .	3	Industriais . . . . .	11
Bibliotecários . . . . .	1	Inspectores . . . . .	2
Capitalistas . . . . .	1	Interpretes . . . . .	3
Chefes de Laboratório . . . . .	1	Jornalistas . . . . .	27
Caricaturistas . . . . .	1	Juizes de Direito . . . . .	2
Chefes de polícia . . . . .	1	Mecânicos . . . . .	2
Comerciantes . . . . .	69	Médicos . . . . .	55
Condutores industriais . . . . .	1	Médicos veterinários . . . . .	4
Conservadores de museus . . . . .	2	Mestres de alfaiates . . . . .	1
Constructores civis . . . . .	2	Notários . . . . .	4
Contabilistas . . . . .	4	Oficiais do Exército . . . . .	35
Correctores oficiais . . . . .	1	Oficiais da Marinha de Guerra . . . . .	8
Desenhadores . . . . .	1	Perito de seguros . . . . .	1
Despachantes oficiais . . . . .	5	Pintores de arte . . . . .	8
Diplomaias . . . . .	6	Professores . . . . .	27
Editores . . . . .	2	Proprietários . . . . .	42
Empregados bancários . . . . .	28	Publicistas . . . . .	10
Empregados dos Caminhos de Ferro . . . . .	1	Realizadores cinematográficos . . . . .	2
Empregados no comércio . . . . .	34	Reporteres fotográficos . . . . .	1
Empregados no escritório . . . . .	27	Revisores tipográficos . . . . .	1
Empregados de seguros . . . . .	3	Solicitadores . . . . .	1
Engenheiros . . . . .	65	Sub-directores de fábricas . . . . .	1
		Técnicos fotográficos . . . . .	1
		Tradutores . . . . .	1

RECTIFICAÇÃO: Por ter saído errada, na altura devida, rectifica-se agora que a profissão do sócio 189 é — Inspector do «Diário de Notícias»



